

A BOA NOVA

do Mundo de Amanhã



O SUPREMO TRIUNFO

11

A Alternativa Bíblica ao
Domingo de Páscoa

Chega de Fingimento!
Abandone a Hipocrisia!

18

14

Jesus Cristo Não
Ressuscitou Num
Domingo de Páscoa!

A Controvérsia do
Inferno de Fogo Eterno

22



Artigo de Capa ✓

4

O Supremo Triunfo

O terrível sofrimento e a morte de Jesus Cristo não representaram fracasso ou derrota para Ele e para Deus Pai, mas sim uma vitória suprema! Os autores bíblicos fazem uma analogia com o triunfo imperial romano daquela época para desconstruir toda a pompa e a vanglória deste mundo.

Artigos & Colunas ✓

3 Editorial

A Vitória Absoluta de Jesus Cristo

Como alguém que sofreu uma derrota vergonhosa e humilhante nas mãos dos romanos poderia ser o Messias?

11

A Alternativa Bíblica ao Domingo de Páscoa

Você está deixando as tradições religiosas atrapalharem um relacionamento real e autêntico com Deus Pai e Jesus Cristo? A solução para esse problema está nas festas bíblicas que foram observadas e ensinadas pelo próprio Jesus.

14

Jesus Cristo Não Ressuscitou Num Domingo de Páscoa!

Como podemos encaixar três dias e três noites entre a crucificação no entardecer de uma sexta-feira e o nascer do sol de um Domingo de Páscoa? A verdade é que isso é impossível. Então, qual é a verdade sobre o tempo transcorrido entre a crucificação e a ressurreição de Jesus?

18

Chega de Fingimento! Abandone a Hipocrisia!

Viver sob uma máscara social é uma vantagem ilusória e passageira. Mas todos nós estamos sob o olhar do Deus que abomina a mentira e nos chama para viver com integridade.

22

A Controvérsia do Inferno de Fogo Eterno

A mudança de alguns setores da comunidade cristã evangélica da visão tradicional do inferno para a crença na destruição total dos ímpios está causando um grande alvoroço. Mas o que a Bíblia realmente ensina sobre esse tema?

24

Perguntas & Respostas

A passagem de 1 Coríntios 11:26 ensina que podemos participar do pão e do vinho da comunhão quantas vezes quisermos? A expressão "partindo o pão em casa", mencionado em Atos 2:46, indica uma cerimônia de comunhão diária?

26

Siga-Me

"Eu Sei Que O Meu Redentor Vive"

Muito mais do que um simples refrão musical, essas palavras do oratório O Messias de Handel proclamam o cuidado fiel de Deus e o resgate oferecido por Seu Filho, ajudando-nos a enfrentar o sofrimento e a morte com confiança e esperança no futuro prometido.

QUEM SOMOS

Publicadora: A Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional | **Conselho de Anciãos:** Scott Ashley, Jorge de Campos, Aaron Dean, Dan Dowd, Peter Eddington, Victor Kubik, Len Martin, Darris McNeely, Tim Pebworth (Diretor do Conselho de Anciãos), Gary Petty, Rex Sexton, Paul Wasilkoff

Presidente da Igreja: John Elliott | **Gerente Operacional de Mídia e Comunicação:** Scott Delamater

Editor Associado: Tom Robinson | **Escritores:** Peter Eddington, Don Hooser, John LaBissoniere, Darris McNeely, Tom Robinson, Mario Seiglie, Becky Sweat, Robin Webber | **Revisor:** Robert Curry

Gerente de Produção: Mitchell Moss | **Designer Gráfico e Ilustrador:** Matt Hernandez

Designer Gráfico em Português: Michelle de Campos Vautour

A Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, tem as suas raízes na Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa missão é proclamar o evangelho do futuro Reino de Deus em todo o mundo, como testemunho, e ensinar todas as nações a observarem o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Distribuímos gratuitamente esta revista e outras publicações, seguindo a instrução de Cristo, que disse: "De graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8). E isso somente tem sido possível através dos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e de colaboradores que contribuem voluntariamente para apoiar essa Obra. Caso deseje fazer uma doação para ajudar essa Obra de Deus, os dados de nossa conta bancária se encontram na última página.

A Igreja de Deus Unida, Angola está registada no INAR com o nome Igreja União Internacional de Deus de Angola e qualquer doação pode ser depositada nesta conta bancária: Banco Angolano de Investimento (BAI): Número Bancário Angolano em Akz: AO040 0040 0000 6813 5803 1019 0 – Beneficiários: José Apolinário Nandungue Kassinda e Severino Caley.

ENDEREÇOS

Brasil: Igreja de Deus Unida

Caixa Postal 2027, Uberlândia – MG,
CEP 38400-983

Telefone: +1 (513) 576 9796 e-mail: info@ucg.org

Estados Unidos: Igreja de Deus Unida

P O Box 541027, Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Angola: Igreja União Internacional de Deus de Angola. Em parceria com a Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional

Caixa Postal nº12, Cacuaco-Luanda, Angola
Telefones: +244 923 429 320 / +244 923 719 704
e-mail: igrejauiinternacionaldeusangola@gmail.com

Internet: www.revistaboanova.org
Facebook: Igreja de Deus Unida



A Vitória Absoluta de Jesus Cristo

Nesta época do ano, refletimos sobre acontecimentos de quase dois mil anos atrás que mudaram o mundo: o sofrimento, a morte na Páscoa, a ressurreição e a ascensão de Jesus de Nazaré. Considerado blasfemador pelos líderes religiosos judeus, Ele foi entregue ao Estado romano sob a acusação de insurreição, sofrendo espancamento, flagelação e crucificação.

Apenas alguns dias antes, uma multidão de judeus celebraram a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém como o descendente de Davi que os salvaria—o Messias ou Cristo. Eles esperavam um líder militar que expulsaria os romanos e se sentaria no trono de Davi como um rei soberano sobre todos os povos. Contudo, as esperanças deles foram frustradas. Como alguém que sofreu uma derrota vergonhosa e humilhante nas mãos dos romanos poderia ser o Messias?

Esse horror marcado pela vergonha tornou extremamente difícil para muitos judeus reconhecerem Jesus como o Messias, mesmo depois da divulgação da notícia de Sua ressurreição, pois a maioria se mostrou incrédula. Igualmente, a sociedade greco-romana considerava absurda e escandalosa a ideia de que um criminoso condenado à cruz pudesse ser o Senhor divino que todos deveriam adorar e seguir. Como declarou posteriormente o apóstolo Paulo: “Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos” (1 Coríntios 1:23).

Entretanto, Deus costuma agir de forma muito distinta das expectativas humanas. “Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus . . . aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação” (versículos 18, 21).

A realidade que escapava à compreensão popular era que a crucificação e a morte de Jesus não significaram derrota. Pelo contrário, Jesus tinha dito aos discípulos que entregaria Sua vida em sacrifício: “Ninguém a tira de Mim, mas Eu a dou por Minha espontânea vontade” (João 10:18, NVI). A missão dEle era vir para sofrer e morrer, e cumpri-la assim foi uma vitória absoluta!

Na realidade, Ele mesmo direcionou os eventos para que tudo ocorresse como previsto. Jesus não foi uma vítima passiva, pois Ele mesmo guiou o curso dos acontecimentos. Houve várias ocasiões em que Jesus poderia ter sido libertado, como no momento em que os depoimentos das falsas testemunhas apresentaram contradições, mas Ele agiu para assegurar que isso *não* acontecesse. Ele proferiu as palavras que enfureceram os líderes a ponto de exigirem Sua execução e também permaneceu em silêncio quando poderia ter evitado a crucificação em Sua audiência com Pilatos.

Aqueles que executaram Jesus não eram quem realmente controlava a situação. *Ele* esteve no controle o tempo todo e ninguém tirou Sua vida. Ele a entregou voluntariamente. Nesse

ato de entrega, Jesus triunfou junto com Seu Pai, que coordenou todos os eventos para que o plano dEles fosse cumprido. Os escritores dos evangelhos registraram os detalhes, mas não os inventaram. Eles testemunharam a atuação magistral de Deus nos bastidores da história.

A liderança judaica e o Estado romano não saíram vitoriosos na morte de Cristo, nem tampouco Satanás, pois *quem venceu foi Jesus*. Satanás tentou desviar Jesus de Sua missão e fazê-Lo abandonar a humanidade, mas Ele não cedeu. Jesus triunfou. E Ele disse a Satanás, através de Judas, que executasse logo o seu ato de traição. Jesus veio para morrer no dia da Páscoa como o verdadeiro sacrifício do Cordeiro pascal, realizando precisamente aquilo a que se propôs. Ele suportou um sofrimento terrível até o momento da morte sem jamais ceder ao pecado, consolidando assim a vitória definitiva e o triunfo supremo.

Nossa matéria de capa, intitulada “O Supremo Triunfo”, traça o caminho de Jesus até Sua execução à luz da mais alta honra e exaltação celebrada no Império Romano. Trata-se da cerimônia do triunfo romano, uma marcha da vitória idealizada para conduzir o homenageado à esplêndida glória divina. Alguns paralelos entre os eventos revelam que Jesus é o verdadeiro e supremo vencedor, expondo ao ridículo as pretensões megalomaniacas dos césores terrenos e as forças demoníacas que os incitavam. E na vitória de Jesus está a nossa vitória. Nós também não somos vítimas indefesas das circunstâncias, desde que *Ele* esteja guiando nossas vidas.

Analisaremos detalhadamente as festas bíblicas da primavera, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos, que não são meros ritos judaicos, mas celebrações cristãs da obra redentora e libertadora de Jesus Cristo. O cristianismo predominante substituiu essas festas pela tradição do Domingo de Páscoa, derivada do culto pagão e de conceitos falsos. É imprescindível que retornemos ao que Deus ensina em Sua Palavra. Nesse sentido, somos incentivados a remover o pecado e a hipocrisia de nossas vidas, revestindo-nos da sinceridade e da verdade que refletem o caráter de Deus.

Principalmente, dirigimos nossa atenção à obra de Deus realizada através de Jesus Cristo, considerando o que Ele fez ao garantir nossa redenção, o que segue realizando ao nos guiar para sermos como Ele e o que ainda fará ao nos transformar em glória para participarmos de Seu futuro e magnífico reinado sobre o mundo. Jesus é o Senhor invencível que reina vitorioso. Aceite o Seu reinado e vitória em sua vida hoje!

Tom Robinson, Editor-chefe



O SUPREMO TRIUNFO

O terrível sofrimento e a morte de Jesus Cristo não representaram fracasso ou derrota para Ele e para Deus Pai, mas sim uma vitória suprema! Os autores bíblicos fazem uma analogia com o triunfo imperial romano daquela época para desconstruir toda a pompa e a vanglória deste mundo.

por Tom Robinson

Há quem pense que o sofrimento e a morte de Jesus foram uma derrota que Deus reverteu com a ressurreição. Na verdade, Jesus não sofreu derrota alguma em Sua morte. Ele foi o vencedor! A ressurreição apenas deu continuidade e ampliou essa vitória. O sofrimento e a morte de Cristo foram elementos vitais desse êxito, visto que aconteceram na data precisa e exatamente da forma como Ele e o Pai haviam planejado. Ele resistiu ao pecado até o momento da morte e venceu o diabo, tornando-se o Cordeiro de Deus e o sacrifício perfeito para redimir a humanidade do pecado e da morte.

(Leia também o editorial “A Vitória Absoluta de Jesus Cristo” na página 3).

Ademais, cabe observar atentamente que o relato nos evan-

gelhos sobre o sofrimento e da morte de Jesus revela os soldados romanos zombando dEle, algo que hoje muitos interpretam como sendo um tipo de paródia da honra suprema concedida aos grandes comandantes militares e, durante o império, apenas aos imperadores: o *triunfo romano* (nesse caso, o termo “triunfo” se refere a um cerimônia solene da Roma Antiga, e não ao uso contemporâneo da palavra como sinônimo de grande sucesso).

Embora os imperadores romanos proclamassem sua soberania e divindade de diversas maneiras, nenhuma era mais dramática e direta do que o triunfo imperial. Entretanto, Deus estava invertendo o sentido da zombaria dos soldados. Pois, como veremos, o Novo Testamento mostra a trajetória de Jesus rumo à crucificação como um triunfo muito superior à glória imperial, represen-

tando uma aclamação suprema que humilhou os poderes terrenos e as forças demoníacas por trás deles.

O surgimento do triunfo imperial

O triunfo romano consistia em um grandioso desfile de vitória para exibir os espólios de guerra, seguindo um roteiro específico que celebrava a elevação do homenageado à glória divina ou à divindade. Esse ritual surgiu de antigas cerimônias etruscas e gregas que buscavam a manifestação de Dionísio, o suposto deus que morria e ressurgia triunfante sobre os homens (uma corruptela das falsas religiões da antiguidade que, mediante influência demoníaca, buscava imitar a morte e a ressurreição profetizadas do verdadeiro Messias).

O rei figurava nessas cerimônias caracterizado como Dionísio, de modo que ele e o touro sacrificial personificavam o deus em seus aspectos de morte e ressurreição. Esse tipo de celebração era comum em diversas sociedades da antiguidade. No contexto grego, o papel de Dionísio foi gradualmente assumido por Zeus na qualidade de rei dos deuses, ao passo que para os romanos essa função encontrou correspondência na figura de Júpiter.

Na época da República Romana, os generais vitoriosos podiam receber essa honraria do triunfo. Entretanto, a partir do estabelecimento do império sob Augusto, a cerimônia do triunfo tornou-se prerrogativa exclusiva dos imperadores, que passaram a ser vistos como a personificação divina da vitória e do poder de Roma. Era comum que os triunfos imperiais fossem marcados pela construção de imponentes arcos triunfais, que serviam de passagem para os desfiles dessa cerimônia, e alguns deles ainda existem hoje.

Os detalhes dessa cerimônia do triunfo foram reconstituídos com base em diferentes fontes históricas. Essas cerimônias nem sempre eram iguais, pois os diferentes triunfantes (aqueles homenageados com o triunfo) procuravam exaltar a si mesmos e suas conquistas de maneiras únicas. Contudo, havia muitos elementos comuns entre esses ritos e os eventos da vida de Jesus. (Para mais detalhes, ver “Referências Bibliográficas” na página 10).

Assim, veremos que a caminhada de Jesus até a cruz não representou uma simples condução humilhante de um condenado à morte, mas a marcha solene de um Rei divino para o Seu trono de honra suprema, antes de ser recebido na glória imortal.

A cerimônia do triunfo romano e a caminhada de Jesus à crucificação

Vamos nos concentrar principalmente no Evangelho de Marcos. Devido ao uso de certos termos em latim e outras evidências, acredita-se que o texto foi redigido visando um público romano, capaz de identificar as semelhanças com a cerimônia do triunfo. Mas esses detalhes também aparecem nos outros evangelhos. Marcos 15:15 registra Pilatos entregando Jesus para ser açoitado e crucificado. A partir desse ponto, analisaremos as semelhanças entre a cerimônia do triunfo e o martírio de Jesus.

Os Conflitos dos Evangelhos Sobre o Rei Divino

O livro bíblico de Marcos começa com as palavras: “Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Marcos 1:1). Nesse contexto, a palavra “evangelho” é uma tradução do termo grego *euangelion*, que significa “boa mensagem” ou “boa nova”. Embora essa terminologia tenha surgido na versão grega do Antigo Testamento, ela possuía um papel específico na sociedade do Império Romano, sendo utilizada para anúncios oficiais e políticos de grande importância.

E dentro desse contexto cultural, o Império Romano e seu imperador eram exaltados como divindades. Um exemplo disso é a célebre Inscrição do Calendário de Priene, datada de cerca de 9 a.C., localizada na atual Turquia ocidental, recomendando que o novo ano coincidisse com o nascimento de César Augusto em setembro, afirmando que “o aniversário do deus Augusto foi o princípio das boas novas (*euangelion*) para o mundo que existe por causa dele”. A abertura do Evangelho de Marcos se apresenta como um contraponto direto a essa narrativa. Jesus, e não Augusto, era o verdadeiro Filho divino, cuja vida e mensagem constituíam as verdadeiras boas novas para o mundo.

Otaviano, o primeiro imperador romano, era sobrinho e filho adotivo de Júlio César, o qual havia sido proclamado governante perpétuo pouco antes de ser assassinado. O surgimento de um cometa logo após a morte de Júlio César foi interpretado como prova de que ele havia ascendido à divindade, algo que o Senado Romano posteriormente reconheceu ao declarar sua deificação. Então, Augusto mandou cunhar moedas que retratavam esse cometa com a inscrição “Divino Júlio”, apresentando-se como governante venerável e filho da divindade.

Dois anos antes de morrer, Júlio César celebrou quatro cerimônias do triunfo consecutivas por suas principais vitórias militares, consolidando sua posição como ditador. Naquela época, a cerimônia do triunfo era compreendido como o caminho para a glória divina. Essa falsa exaltação de um governo humano estabeleceu o modelo de adoração ao imperador, gerando um conflito direto com a fé em Jesus Cristo, que nasceu para ser Rei, embora Seu reino não fosse deste mundo (João 18:36-37). Conforme declarado em diversas profecias, o Reino de Cristo finalmente destruiria e substituiria o reino romano, estabelecendo um reinado eterno.



Estátua de Augusto César no Museu do Vaticano.



Um denário de prata de Augusto mostrando a estrela ou o cometa do Divino Júlio César e representando Augusto como filho do divino.

1 A cerimônia do triunfo iniciava-se nos quartéis militares de Roma com a reunião da guarda pretoriana, a principal força de elite do imperador.

Versículo 16: “E os soldados O (Jesus) levaram para dentro do palácio, à sala da audiência, e convocaram toda a coorte (ou guarnição)”. Uma reunião tão grande de tropas imperiais era incomum para o açoitamento e a crucificação de um único prisioneiro, ainda que existissem preocupações com a possibilidade de revoltas por toda a cidade.



2 O líder homenageado vestia um manto púrpura e trazia na cabeça uma coroa de louros.

Versículo 17: “E vestiram-No de púrpura e, tecendo uma coroa de espinhos, Lha puseram na cabeça”.

Em João 19:2-5, esse manto também é descrito como sendo de cor púrpura. Contudo, Mateus 27:28 afirma que ele era escarlate. Então, qual era a cor correta? A púrpura era um tecido de alto valor, reservado à nobreza romana, por isso é mais provável que se tratasse de um manto escarlate típico dos oficiais romanos. Alguns sugerem que o tecido era composto por uma trama mista de fios azuis e escarlates, resultando em uma tonalidade purpúrea. Outra hipótese é que os soldados usaram um manto escarlate desgastado e desbotado, que havia perdido o brilho original e assumido um tom mais próximo do malva. Em todo caso, a referência à cor púrpura tinha o propósito de enfatizar seu caráter régio, alinhado ao cenário de um triunfo.

Ao trajar Jesus com um manto e uma coroa de espinhos, o objetivo dos soldados era ridicularizar a suposta presunção de realeza dEle. À luz das outras ações descritas aqui, é possível que eles tenham encenado deliberadamente um tipo de *antitriunfo* em forma de deboche. Ainda que não fosse esse o plano deles, foi isso que acabou acontecendo. Mas o desfecho disso mostra que, na verdade, Deus estava expondo ao ridículo os romanos e todo o seu sistema de poder secular.

3 Os soldados proclamavam o líder homenageado como rei e senhor.

Marcos 15:18-19: “E começaram a saudá-Lo, dizendo: Salve, Rei dos judeus! E feriram-No na cabeça com uma cana [ou vara], e cuspiram nEle, e, postos de joelhos, O adoravam”.

O escárnio prosseguia com falsas demonstrações de reverência, mas a grande ironia é que eles estavam proclamando justamente o que era verdade sobre Jesus! (Há mais detalhes sobre esse tratamento no próximo ponto).

O capítulo 19 de João mostra o governador romano Pôncio Pilatos apresentando Jesus vestido com aquelas vestes reais satíricas e dizendo aos judeus: “Eis aqui o vosso Rei!” (versículo 14). Contudo, a multidão ali reunida alegou que não tinha outro rei senão César (versículo 15). Ainda assim, Pilatos determinou que a placa com a acusação contra Jesus O identificasse como “o Rei dos Judeus” (versículos 17-22; Marcos 15:26).

4 O rosto do líder homenageado era pintado de vermelho e os lictores romanos formavam fila diante dele com seus trajes militares escarlates para a marcha.

A pintura do rosto imitava o costume de pintar de vermelho a estátua de Júpiter no templo do Monte Capitolino, durante os festivais romanos, como símbolo de conquista militar. Os “lictors” eram oficiais militares que acompanhavam o magistrado, portando varas como símbolo da aplicação de punições corporais. Eles eram responsáveis por açoitar os prisioneiros.

Ainda que não esteja especificado no texto de Marcos nem nos demais evangelhos, o espancamento com varas e a flagelação sofrida por Jesus resultaram em lacerações que O deixaram coberto de sangue. A coroa de espinhos pressionada sobre a cabeça dEle teria feito o sangue escorrer por todo o rosto.

Também existe a possibilidade de que os soldados estivessem cuspidando vinho em Jesus, considerando que essa bebida fazia parte dos suprimentos militares e é citada mais adiante no relato.

Como Isaías 52:14 previra séculos antes, o rosto e toda a aparência de Jesus seriam desfigurados a ponto de não parecer humano. Evidentemente, Jesus não estava fingindo ser divino ao ter a face pintada de vermelho. Ele estava expressando o amor divino ao aceitar ser ferido e desfigurado, derramando Seu sangue pelos pecados do mundo.





Essa pintura, “O Triunfo de Emílio Paulo”, obra de Carle Vernet (1789), encontra-se no Museu Metropolitano de Arte em Nova York.

5 A marcha, liderada por oficiais militares, cruzava a cidade exibindo espólios de guerra e prisioneiros acorrentados, enquanto o exército e o povo assistiam e recebiam os presentes distribuídos pelo líder triunfante.

Versículo 20: “E, havendo-O escarnecido, despiram-lhe a púrpura, e O vestiram com as Suas próprias vestes, e O levaram para fora, a fim de O crucificarem”.

Jesus foi levado em cortejo por oficiais e soldados romanos pelas ruas de Jerusalém até o lugar da crucificação. A retirada do manto e a devolução de Suas vestes não faziam parte da cerimônia do triunfo romano, mas correspondiam à zombaria e era indispensável para que se cumprisse a profecia sobre a partilha das vestes de Cristo (versículo 24; Mateus 27:35; João 19:23-24).

Lucas 23:27 relata que havia muitas pessoas assistindo: “E seguia-O grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos e O lamentavam”.

Jesus figurava como o prisioneiro acorrentado e condenado à morte nessa marcha. Todavia, Ele não foi capturado, mas se entregou voluntariamente. Na verdade, aquela era a marcha triunfal de Jesus, o momento em que Ele avançava para completar Sua missão de vencer a guerra contra Satanás, o pecado e a morte.

A entrega das vestes que usava era o símbolo de que Ele estava abrindo mão de tudo o que possuía. O Criador do mundo deixou Sua glória celestial para assumir a condição humana e sofrer uma morte horrenda (Filipenses 2:5-9). E Ele fez isso por todos nós: “Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e, pelas Suas pisaduras, fomos sarados” (Isaías 53:5).

Jesus não distribuiu moedas de prata e quinquilharias, como faziam os imperadores em suas cerimônias de triunfo. Aquilo que Ele ofereceu possuía um valor incomensurável, ou seja, a Sua própria vida e integridade. E Jesus fez isso para nos assegurar o perdão, a restauração espiritual, a libertação do pecado e da morte, e a capacitação para viver segundo Sua vontade. Em sua vitória definitiva, Jesus finalmente resgataria aqueles que eram mantidos cativos pelo diabo, concedendo-lhes as bênçãos de uma vida ao Seu lado, pois “subindo ao alto, levou cativo o cativo e deu dons aos homens” (Efésios 4:8).

6 Figurava com destaque nessa cerimônia um animal sacrificial relacionado ao homenageado, acompanhado de um homem que levava o instrumento para realizar o sacrifício.

Como observado antes, nas origens dessa cerimônia o animal sacrificado simbolizava a morte do deus que supostamente renascia na figura do líder homenageado. Algumas gravuras em monumentos triunfais da época retratavam frequentemente um touro adornado com uma guirlanda para identificá-lo com esse líder homenageado, acompanhado de um homem levando um machado para realizar o sacrifício.



Um touro destinado ao sacrifício na cerimônia do triunfo com o portador do machado — Relevo romano no Museu de Antiguidades do Palácio Real de Estocolmo.

Marcos 15:21: “E (os soldados romanos) constrangeram um certo Simão Cireneu, pai de Alexandre e de Rufo, que por ali passava, vindo do campo, a que levasse a cruz”.

Jesus, extremamente debilitado, tropeçava durante a marcha, e esse homem, cujos filhos viriam a ser membros da igreja conhecidos pelos leitores de Marcos, estava ali “por acaso” e acabou sendo forçado a prestar um serviço singular, algo que possibilitou que o sacrifício de Cristo se realizasse dentro do cronograma previsto e que reforçou a figura de um portador oficial do instrumento de execução naquilo que seria um triunfo romano às avessas. E isso nos leva ao próximo ponto.



O Arco de Tito em Roma, exibindo cenas de sua cerimônia do triunfo com os espólios de Jerusalém e o desfile (à direita).

7 Ao término do desfile no Monte Capitolino, os prisioneiros eram cruelmente executados e o homenageado subia ao Capitólio, conhecido como “o lugar da cabeça”.

No ponto culminante da cerimônia do triunfo romano os prisioneiros de guerra mais importantes eram torturados e assassinados diante da multidão. O triunfador subia as escadarias do Monte Capitolino, o lugar de sacrifício com vista para o Fórum Romano.

Essa célebre colina, sobre a qual se erguia o Capitólio, templo do supremo deus romano Júpiter, deu origem à palavra portuguesa *capital*. O nome dessa colina deriva do latim *caput* ou *capitis*, que significa “cabeça”. Historiadores romanos relataram que, durante as primeiras obras de fundação do templo naquele local, foi descoberta uma cabeça humana com as feições intactas, e que adivinhos proclamaram que aquele local se tornaria a cabeça de toda a Itália.

Marcos 15:22: “E levaram-no [Jesus] ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira”. Mateus 27:33 e João 19:17 também apresentam essa tradução. A palavra nesse contexto poderia designar uma cabeça inteira e não apenas a uma ossada craniana. Alguns pensam que o local da crucificação de Cristo ficava sobre um penhasco rochoso em forma de crânio, enquanto outros acreditam que o nome pode designar um lugar fora de Jerusalém para onde Davi levou a cabeça de Golias (1 Samuel 17:54).

Em todo caso, a tradução de nomes de lugares não é habitual nos evangelhos, o que indica que há algo importante e enfático sendo comunicado nesse trecho. Tudo leva a crer que estava sendo traçado um vínculo entre o lugar do sacrifício de Cristo e o local cerimonial de sacrifício e exaltação no triunfo romano na “Colina da Cabeça”—seja intencionalmente pelos escritores dos evangelhos ou por Deus, que inspirou os relatos e coordenou esses fatos para evidenciar a derrota do poder deste mundo.

Jesus chegou ao lugar onde seria crucificado para entregar Sua vida pelos pecados do mundo, assumindo o lugar daqueles que estavam condenados.

8 Imediatamente antes da imolação do sacrifício, oferecia-se vinho ao homenageado, que então o derramava.

O ato de recusar e derramar o vinho na cerimônia triunfal simbolizava o sacrifício do próprio governante homenageado, que se identificava com o animal sacrificial que estava prestes a ter seu sangue derramado.

Marcos 15:23: “E deram-lhe [a Jesus] a beber vinho com mirra, mas Ele não o tomou”. Alguns apontam que essa mistura seria valiosa demais para ser desperdiçada com um prisioneiro condenado. Especula-se que essa mistura serviria para aliviar a dor. E pode até ter sido providenciada por Pilatos.

Jesus recusou a bebida, pois Ele estava determinado a suportar toda a agonia de Seu martírio ao carregar os sofrimentos da humanidade. E isso desmoralizava ainda mais a cerimônia do triunfo romano. O fato de Cristo ter recusado o vinho representou um ato autêntico e nobre de verdadeiro sacrifício, contrastando com a encenação hipócrita do governante romano, que fingia oferecer-se em sacrifício em uma cerimônia de autopromoção desmedida, sem jamais abrir mão de nada.

Mais tarde, em Seus momentos finais, após horas de agonia e com a garganta seca, Jesus recebeu uma esponja embebida em vinagre para conseguir proferir Suas últimas palavras, consumando assim o rito da Páscoa daquele dia (João 19:28-30).

9 A consumação do sacrifício.

O animal destinado ao sacrifício era imolado, simbolizando a identificação do líder triunfante com a divindade que morria para ressurgir com ele em glória. Isso também assinalava um momento de gratidão pelas vitórias acumuladas, assim como garantia de mais vitórias e bênçãos que o governante homenageado traria para Roma.

Após mencionar a partilha das roupas de Cristo no momento da crucificação (Marcos 15:24), o versículo seguinte registra: “E era a hora terceira [nove horas da manhã], e O crucificaram” (versículo 25). O relato continua e mostra que Jesus sofreu até morrer à nona hora (três horas da tarde)—seis horas depois. Esse longo sofrimento fazia parte do sacrifício de Cristo.

Embora a cerimônia do triunfo romano se estendesse por um dia inteiro, o sacrifício do touro acontecia rapidamente, assim como os sacrifícios de animais que Deus havia estabelecido em Seu verdadeiro sistema de adoração, que Cristo veio cumprir plenamente.

É preciso ressaltar que o suplício e a morte de Cristo não visavam cumprir a cerimônia do triunfo romano, mas estabelecer um contraste fundamental capaz de inverter cada um de seus elementos de forma sistemática e eficaz.

O sacrifício de Cristo foi o único verdadeiro. Portanto, devemos expressar nossa gratidão pela vitória inigualável que Ele alcançou e pelas futuras bênçãos e conquistas que provêm de Seu sacrifício, além de tudo o que Ele ainda realizará.

10 O líder ocupava uma posição visível e exaltada na colina, geralmente ladeado por dois oficiais.

Anteriormente, Jesus falou sobre ser “levantado”, referindo-se não à glória deste mundo, mas à Sua crucificação (João 3:14; 12:32-33). Contudo, seria justamente através desse suplício que Ele alcançaria a suprema honra e glória.

Ademais, ocupar um lugar à direita e à esquerda de alguém importante indicava grande prestígio na antiguidade (ver Mateus 20:21, 23). Segundo historiadores romanos, ao conduzir os assuntos do Estado, os imperadores eram ladeados por dois magistrados de alto escalão conhecidos como cônsules. Além disso, há outros exemplos dessa exaltação na cerimônia do triunfo.

Em sua cerimônia do triunfo antes de ascender ao trono, Tibério ocupou seu assento ao lado de seu pai adotivo, Augusto, posicionado entre os dois cônsules. Mais tarde, durante sua cerimônia do triunfo, o imperador Cláudio subiu os degraus do Capitólio de joelhos, amparado por seus dois genros, um à direita e outro à esquerda. Posteriormente, Vespasiano celebrou sua cerimônia do triunfo ladeado por seus filhos Tito e Domiciano.

Em Marcos 15, após mencionar o título da acusação contra Jesus, “O Rei dos Judeus” (versículo 26), lemos:

“E crucificaram com Ele [Jesus] dois salteadores, um à Sua direita, e outro à esquerda. E cumpriu-se a Escritura que diz: E com os malfeitores foi contado” (versículos 27-28).

Talvez os soldados tenham escolhido esse cenário para ridicularizar a nação de Israel, exibindo Jesus como um rei imaginário governando sobre nada e ladeado por criminosos impotentes e agonizantes como corregentes. Tragicamente, aqueles que deveriam ser Seus súditos passam a ridicularizá-Lo e a proferir insultos contra Ele (versículos 29-32).

12 Ao término da cerimônia do triunfo, o líder homenageado era declarado divino.

A etapa final da cerimônia do triunfo consistia em declarar o governante como um deus. Ele passava a figurar entre os imperadores divinizados do passado como uma suposta manifestação da divindade na Terra. Os imperadores romanos eram considerados personificações divinas do Estado romano deificado. As pessoas queimavam incenso diante deles como sinal de veneração—algo incompatível com a fé cristã.

Acreditava-se que ao morrer os imperadores ascendiam à divindade plena. O relevo do Arco de Tito em Roma, mostra o imperador deificado sendo levado ao céu por uma águia gigante, simbolizando sua apoteose, ou seja, sua transformação em um deus.

Observe a declaração de um oficial romano ao término do sofrimento e da morte de Jesus no Gólgota, depois de presenciar tudo o que Ele suportou, Sua compostura, Sua súplica para que Deus perdoasse Seus algozes e os sinais impressionantes que se manifestaram.

Marcos 15:39: “E o centurião que estava defronte dEle, vendo que assim clamando expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus”.

Essa afirmação constitui o ponto culminante do Evangelho de Marcos. Em Marcos 1:1, ele começa, apresentando “o evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” e termina com a declaração desse oficial romano de que *Jesus era realmente o Filho de Deus!* Esse é um desfecho profundamente significativo do *antitriunfo* mostrado nos relatos da morte de Jesus.

Esse supremo triunfo de Jesus foi infinitamente maior do que Sua entrada solene em Jerusalém, pois foi uma marcha vitoriosa através da morte em direção à eternidade. Nenhum dos generais e imperadores que exaltavam seus grandes triunfos alcançou a glória eterna. *Mas Jesus Cristo alcançou.* Sem dúvida, Ele ressuscitou e ascendeu às alturas e hoje vive com o Pai no céu, de onde um dia retornará para governar sobre todas as nações.

11 O povo esperava por um sinal dos deuses.

Os romanos eram muito supersticiosos. Os sacerdotes oficiais áugures eram responsáveis por determinar a aprovação ou desaprovação dos deuses mediante a observação de fenômenos naturais, entendidos como sinais ou augúrios.

Eles examinavam as entranhas dos animais sacrificados em busca de simetria ou deformidades. E também observavam os relâmpagos, os trovões e o voo ou canto das aves. Entre os sinais de menor relevância estavam fenômenos como a aparição de animais consagrados a certas divindades ou até ocorrências fortuitas como derramamentos de líquidos, espíritos e tropeços

acidentais. Evidentemente, jamais surgiram sinais como os milagres surpreendentes realizados por Jesus!

Versículo 33: “E, chegada a hora sexta [meio-dia], houve trevas sobre toda a terra até à hora nona [três horas da tarde]” —durante três horas.

Então, chegamos aos momentos finais. Versículos 37-38: “E Jesus, dando um grande brado, expirou. E o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo”. Mateus 27:51-52 acrescenta que a terra tremeu, as pedras se fenderam e os sepulcros foram abertos.

Tratava-se de sinais colossais e milagrosos procedentes do verdadeiro Deus!

Vencer para subverter a ordem mundial

Mais uma vez é preciso reconhecer que a morte de Jesus representou uma grande vitória. Ele não veio para preservar a própria vida. *Ele veio para morrer*. Essa era a Sua missão (como detalhado no editorial da página 3).

Jesus aceitou a Sua execução “para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hebreus 2:14-15).

Jesus desmoralizou completamente o inimigo através de Seu sofrimento e morte. Os soldados romanos debochavam de Jesus com uma falsa coroação, um manto improvisado e uma adoração fingida, enquanto O golpeavam e torturavam. Mas, sem dúvida, eles não agiram sozinho, pois estavam sendo instigados por forças espirituais malignas e espíritos demoníacos procedentes do diabo. A Bíblia declara que eles são as forças espirituais por trás dos sistemas governamentais deste mundo e da falsa religião.

Todavia, o desfecho de tudo foi uma reviravolta completa, pois Satanás e suas hostes demoníacas, as forças ocultas por trás do Estado romano e de seu triunfo pagão, foram vencidos e ridicularizados. O apóstolo Paulo menciona isso depois de explicar que Jesus, ao morrer, pregou na cruz o escrito de dívida que pesava contra nós: “E, despojando os principados e potestades, expôs-nos publicamente, *triunfando* sobre eles nela” (Colossenses 2:15; grifo nosso). Aqui está a evidência clara do triunfo reverso planejado por Deus.

É importante notar que algo semelhante aconteceu quando Deus instituiu a Páscoa para os israelitas no antigo Egito. Naquela ocasião, as pragas e os atos divinos para libertar os israelitas desmascararam a religião egípcia e provaram a impotência de seus deuses de origem demoníaca. Deus afirmou que julgaria todos os deuses do Egito (Êxodo 12:12; comparar Números 33:4). Ao ouvir as notícias sobre o que havia acontecido, o sogro de Moisés, Jetro, comentou: “Agora, sei que o SENHOR é maior que todos os deuses, porque livrou este povo de debaixo da mão dos egípcios, quando agiram arrogantemente contra o povo” (Êxodo 18:11, ARA).

Mais tarde, quando Cristo veio em *cumprimento* da Páscoa, aconteceu a mesma coisa. Deus, através de Cristo, desmascarou

o culto romano inspirado por demônios ao ridicularizar seu triunfo pagão e vaidoso por meio do supremo triunfo de Jesus, que permaneceu fiel e morreu exatamente como fora planejado.

Triunfantes em Cristo

Como vimos, Jesus libertou aqueles que estavam sob a escravidão do diabo, levando cativo o cativo (Efésios 4:8). E nós fazemos parte de Sua marcha triunfal, pois fomos conquistados por Ele e agora estamos mortos para o que fomos no passado, mas livres e vivos nEle. Como Paulo escreve em 2 Coríntios 2:14: “E graças a Deus, que sempre nos faz *triunfar* em Cristo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar o cheiro (uma alusão às nuvens de incensos caros e perfumes preciosos das comemorações do triunfo romano) do Seu conhecimento”.

Observe que Ele nos inclui em Seu triunfo para que O representemos e participemos de Sua vitória.

O triunfo de Jesus não aconteceu por meio do acúmulo de poder e majestade para Si mesmo, mas pela entrega de Sua vida em amor e sacrifício pelos outros. E Ele nos guia da mesma maneira ao nos orientar a abandonar a busca por autopromoção para entregarmos nossas vidas a serviço dEle e dos outros, pois esse é o único caminho para a verdadeira vitória e glória.

O supremo triunfo de Jesus é o alicerce de nossa paz e prosperidade. Como Ele disse: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; Eu venci o mundo” (João 16:33).

A vitória de Jesus nos torna vencedores. João escreveu: “Filhinhos, sois de Deus e já os tendes vencido (os espíritos enganadores e os falsos mestres), porque maior é O que está em vós do que o que está no mundo” (1 João 4:4).

Assim, podemos declarar junto com Paulo: “Mas graças a Deus, que nos dá a *vitória* por nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Coríntios 15:57).

A vitória está garantida. Jesus triunfou na morte, na ressurreição, ao nos libertar e ao habitar em nós. Ademais, Ele retornará para estabelecer Seu reino, expulsar Satanás, acabar com a tirania e salvar o mundo. Que triunfo grandioso! Viva conforme o verdadeiro evangelho de Jesus Cristo, seguindo Seus passos vitoriosos para entrar na glória eterna! BN

Referências Bibliográficas (nem todas as posições expressas nelas são endossadas pelo autor) O anúncio do evangelho no contexto do mundo do primeiro século:

- *Mark's Incipit and the Priene Calendar Inscription: From Jewish Gospel to Greco-Roman Gospel* (A abertura do Evangelho de Marcos e a Inscrição do Calendário de Priene: do evangelho judaico ao mundo greco-romano, em tradução livre), Craig Evans, revista *Journal of Greco-Roman Christianity and Judaism*, 2000, p. 67–81.

- *Reading Mark's Christology Under Caesar: Jesus and the Roman Imperial Ideology* (A cristologia de Marcos sob César: Jesus e a ideologia imperial romana, em tradução livre), Adam Winn, IVP Academic, 2018 (também citado abaixo).

A evolução histórica da cerimônia do triunfo nas tradições grega e romana:

- *Triumphus: An Inquiry Into the Origin, Development and Meaning of the Roman Triumph* (Um estudo sobre a origem, a evolução e o significado da cerimônia do triunfo romano, em tradução livre), Hendrik Simon Versnel, editora Brill, 1970.

- *The Roman Triumph* (A cerimônia do triunfo romano, em tradução livre), Mary Beard, editora Harvard University Press, 2007.

A crucificação de Jesus e a cerimônia do triunfo romano:

- *Mark: A Commentary on His Apology for the Cross* (Um comentário sobre a apologia da cruz no Evangelho de Marcos), Robert Gundry, editora Eerdmans, 1993.

- *Mark 15:16-32: The Crucifixion Narrative and the Roman Triumphal Procession* (Marcos 15:16-32: A narrativa da crucificação e a marcha triunfal romana, em tradução livre), Thomas Schmidt, revista *New Testament Studies*, vol. 41, editora Cambridge University Press, 1995, p. 1-18.

- *Jesus' Triumphal March to the Crucifixion: The Sacred Way as Roman Procession* (A marcha triunfal de Jesus rumo à crucificação: a Via Sacra como cortejo romano, em tradução livre), Thomas Schmidt, *Bible Review*, fev. 1997, p. 30–37.

- *The Crucifixion: The Coronation of a King* (A crucificação e a coroação de um Rei, em tradução livre), Ray Vander Laan, site FaithGateway.com, extraído da obra *That the World May Know* (Para que o mundo saiba, em tradução livre), vol. 14: *The Mission of Jesus: Triumph of God's Kingdom in a World of Chaos* (A missão de Jesus: o triunfo do Reino de Deus num mundo caótico, em tradução livre), 2016.



A Alternativa **Bíblica** **ao Domingo de Páscoa**

Você está deixando as tradições religiosas atrapalharem um relacionamento real e autêntico com Deus Pai e Jesus Cristo? A solução para esse problema está nas festas bíblicas que foram observadas e ensinadas pelo próprio Jesus.

por Gary Petty

Há uma história sobre um czar russo que estava passeando pelos jardins do palácio quando viu um soldado parado em uma faixa de terreno árido e sem vegetação. Aproximando-se dele, o czar questionou o motivo de ele estar sozinho naquele posto, ao que o soldado respondeu que apenas seguia ordens superiores.

O czar mandou chamar o capitão da guarda, e este explicou que sempre existiram ordens para manter um soldado naquele local. Mas ninguém sabia o motivo. Após uma pesquisa nos arquivos, descobriu-se que, no tempo de Catarina, a Grande, ali existia uma roseira de estimação. Então, um soldado fora destacado para impedir que as pessoas colhessem as rosas.

A questão era que tanto a imperatriz quanto a roseira já haviam morrido há décadas. Todo ano, um soldado era destacado para aquele local ermo e ninguém sabia o motivo. Aquilo havia se tornado uma *tradição*.

Existem tradições boas e tradições ruins. Você segue alguma tradição religiosa que talvez esteja afastando-o daquilo que Deus realmente deseja para sua vida?

As tradições podem ofuscar o verdadeiro cristianismo

Assim como o sentinela da história do czar e da roseira, será que você não está guardando fielmente alguma tradição religiosa que não tem fundamento espiritual?

As tradições podem desempenhar um papel muito positivo na

vida. Temos tradições familiares, comunitárias e religiosas significativas, que são capazes de gerar um senso de identidade e pertencimento. Elas nos recordam daquilo que é importante em meio à agitação da vida cotidiana.

As tradições também podem transformar-se em armadilhas que nos levam a repetir práticas sem sentido apenas por hábito, exatamente como na história do soldado e da roseira.

Alguns líderes religiosos dirigiram-se a Jesus com o seguinte questionamento: “Por que transgridem os Teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos quando comem pão” (Mateus 15:2).

Essa tradição dos líderes judeus nada tinha a ver com higiene. Tratava-se de uma cerimônia religiosa relacionada à purificação ritual. Esse era um rito que tinha o objetivo de despertar nas pessoas a consciência de que deveriam buscar a retidão e a pureza de coração diante de Deus.

Que resposta você acha que Jesus daria a uma pergunta como essa?

Ele respondeu: “Por que transgredis vós também o mandamento de Deus *pela vossa tradição*?” (versículo 3, grifo nosso).

Reflita nessa resposta de Jesus. Ele advertiu que tradições religiosas, ainda que bem-intencionadas, *podem resultar em desobediência a Deus*. Por isso é que devemos examinar cuidadosamente nossas tradições religiosas para assegurar que estejam de acordo com o que a Bíblia ensina!

Jesus foi incisivo ao reprovar a atitude dos líderes religiosos: “Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: ‘Este povo honra-Me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de Mim. Mas em vão Me adoram, *ensinando doutrinas que são preceitos dos homens*’” (versículos 7-9).

Jesus mostra claramente que até mesmo uma tradição religiosa que parece honrar a Deus pode, na verdade, nos *separar* dEle!

A tradição do Domingo de Páscoa

Vamos examinar com mais profundidade e comparar uma celebração religiosa tradicional com uma festa bíblica. A primeira é um tradição seguida por muitos de forma automática, a exemplo daquele soldado do conto russo. A segunda refere-se a uma celebração observada pelos primeiros cristãos, conforme registrado na Bíblia.

Alguma vez você já refletiu sobre a tradição do Domingo de Páscoa?

A morte de Jesus Cristo e Sua ressurreição, após três dias e três noites, são *fundamentais* para a fé cristã, pois sem esses eventos o cristianismo não existiria.

Jesus revelou um sinal específico de Sua messianidade: “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem *três dias e três noites no seio da terra*” (Mateus 12:40).

A tradição do Domingo de Páscoa é supostamente baseada no sinal profético de Cristo de que Ele permaneceria no sepulcro por três dias e três noites. Então, isso significa que Ele morreu na Sexta-Feira Santa e ressuscitou no domingo de manhã, certo?

A verdade é que o intervalo de tempo entre a tradicional Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa não corresponde ao sinal que Jesus apresentou como prova de que Ele é o Messias profetizado!

Ainda que se tente de todas as formas, *não há como conciliar três dias e três noites entre o sepultamento na Sexta-feira Santa e a ressurreição na manhã de domingo*. O máximo que cabe nesse intervalo de tempo é um dia inteiro, partes de outros dois dias e apenas duas noites. Você mesmo pode fazer o cálculo e constatar que esse cronologia simplesmente não se encaixa!

Existe uma solução bíblica clara que se ajusta perfeitamente às palavras de Jesus, embora seja totalmente incompatível com a tradição da Sexta-Feira Santa e do Domingo de Páscoa. (Ler o artigo “*Jesus Cristo Não Ressuscitou num Domingo de Páscoa*”, a partir da página 14).

Enquanto os evangelhos detalham a morte e a ressurreição de Cristo, o restante do Novo Testamento documenta a trajetória de Seus seguidores ao longo de aproximadamente seis décadas seguintes. As cartas apostólicas fornecem informações sobre as igrejas que foram estabelecidas na Judeia, na Ásia Menor, na Grécia e em Roma.

Em todos esses relatos não há *nenhum* exemplo de congregações cristãs observando a tradição do Domingo de Páscoa. Entre aqueles cristãos primitivos não havia qualquer tradição que tentasse encaixar o sinal de Jesus de três dias e três noites no sepulcro dentro de um cronograma impossível de Sexta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa.

A observância da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos

Mas sabemos de um período festivo observado pelos primeiros cristãos que comemorava a morte de Jesus Cristo e Sua ressurreição para guiar suas vidas. Esse período consistia em duas festas seguidas que criavam uma conexão profunda entre as celebrações ordenadas na antiguidade e o Messias. E o mais importante é que essas celebrações eram *bíblicas* e não meras tradições humanas.

Encontramos referência a esse período festivo na primeira carta de Paulo dirigida aos coríntios.

Sabemos que a comunidade cristã de Corinto era formada sobretudo por gregos convertidos. Por exemplo, Paulo orienta os coríntios a abandonarem os costumes pagãos tradicionais que os cristãos judeus não seguiam.

Novamente, existe um período festivo primaveril que Paulo orienta essa congregação gentílica a observar na primeira carta aos coríntios—e não se trata do Domingo de Páscoa. Para contextualizar as palavras de Paulo, vejamos o que ele diz em 1 Coríntios 5:6: “O orgulho de vocês não é bom. Vocês não sabem que um pouco de fermento faz toda a massa ficar fermentada?” (NVI).

Essa declaração pode soar estranha hoje, mas fazia muito sentido em uma época em que assar pão era uma atividade comum. Esse processo consistia em preparar a massa e assá-la. Acrescentar fermento à massa, que atua como agente de levedação, faria com que ela crescesse, ficando aerada ou inchada. Uma pequena quantidade de fermento se espalharia por toda a massa até que ela estivesse completamente levedada.

Paulo recorre ao fermento do pão como analogia para mostrar como o orgulho e a arrogância nos deixam inchados e cheios de vaidade.

Agora vamos ler o que ele escreveu em 1 Coríntios 5:7: “Livrem-se do fermento velho, para que sejam massa nova e sem fermento, como realmente são. Pois *Cristo, nosso Cordeiro pascal*, foi sacrificado” (NVI). Paulo pressupunha que seus convertidos gentios conhecessem profundamente as Escrituras Hebraicas, que hoje chamamos de Antigo Testamento. A afirmação de que Jesus é o Cordeiro da Páscoa teria pouco significado para eles se não conhecessem os eventos que cercaram a saída de Israel do Egito.

Paulo então explica: “Por isso, *celebrems a festa* não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade” (1 Coríntios 5:8, ARA).

As festas bíblicas santas para os cristãos da atualidade

Paulo esperava que esses cristãos gentios (não judeus) *observassem essas festas*—e não as celebrações pagãs, como o atual Domingo de Páscoa.

A menção ao fermento, ao pão asmo e a Jesus como o Cordeiro pascal sacrificado demonstra que Paulo está falando das celebrações bíblicas da Páscoa e da Festa dos Pães Asmos, ordenadas por Deus à antiga Israel e observadas por Jesus. Essas celebrações citadas por Paulo são as verdadeiras festas bíblicas que Deus deseja





Paulo instrui os coríntios gentios a participarem das festas religiosas santas fundamentadas na instrução bíblica em vez de tradições originadas da imaginação humana.

que os cristãos observem!

Paulo instrui os coríntios gentios a participarem das festas religiosas santas *fundamentadas na instrução bíblica* em vez de tradições originadas da imaginação humana. Isso não significa que os primeiros cristãos celebrassem essas festas da mesma forma que os judeus. Conforme indicam as palavras de Paulo, tanto a Páscoa quanto a Festa dos Pães Asmos ganharam um novo significado espiritual sobre Jesus Cristo como nosso Salvador.

A declaração de Paulo de que Jesus é o Cordeiro pascal de Deus, enviado para redimir as pessoas da morte, era incompreensível para muitos judeus do primeiro século, assim como ainda é hoje. Contudo, para os cristãos, isso deve conferir à Páscoa uma profundidade espiritual e uma compreensão sobre Deus que transcendem até mesmo os maravilhosos e milagrosos eventos do Êxodo.

Sinceridade e verdade

A Festa dos Pães Asmos requer a retirada de todo o fermento e de produtos que contenham agentes levedantes de dentro de casa, além do consumo de pão asmo por sete dias (Êxodo 12:15-20; Levítico 23:6). Na primeira carta aos coríntios, temos um esclarecimento de como isso simbolizava a nossa vida espiritual.

Paulo sabia que um pouco de fermento altera fisicamente toda a massa, por isso ele menciona o fermento *espiritual* da “maldade e da malícia”. A malícia envolve atitudes, pensamentos e emoções erradas, enquanto a maldade inclui as ações decorrentes disso, sendo que ambas constituem *pecado*.

Ninguém se torna um verdadeiro seguidor de Jesus Cristo sem antes discernir a malícia e a maldade, arrepender-se da contaminação do fermento espiritual e buscar em Deus a substituição do pecado pela retidão de uma vida “sem fermento”, baseada em “sinceridade e verdade” (1 Coríntios 5:8).

A forma como Paulo usa os símbolos da Festa dos Pães Asmos para ensinar sobre a obra de Deus nos cristãos é muito significativa. E tudo isso está inserido nesta exortação: “Por isso, *celebremos a festa...*” (verso 8).

O pecado separa você de Deus (Isaías 59:2). Ele se espalha por todos os aspectos de sua vida, assim como o fermento modifica cada parte da massa até deixá-la inchada.

Sejamos sinceros, quando alguém evita encarar a realidade e as consequências do pecado, acaba pressupondo que Deus não se importa com suas atitudes ou que Ele não tem o direito de estabelecer regras para sua vida.

Eu sei que essa afirmação pode incomodar, mas para que

Deus transforme a sua vida, antes você precisa compreender a influência oculta do fermento espiritual.

Deus quer realizar um milagre em sua vida. Uma vez que se adiciona fermento à massa, o processo torna-se irreversível, pois é impossível retirar a levedura de um pão que já foi fermentado. Paulo recorre ao simbolismo do fermento para mostrar como pensamentos e comportamentos pecaminosos acabam se entranhando em todas as áreas de nossa vida. Deus deseja que a sua vida seja repleta de sinceridade e verdade. Ele espera muito mais do que uma simples profissão de fé e a observância de tradições humanas. *Deus deseja realizar uma “desfermentação” espiritual em sua vida e conceder-lhe uma existência nova e sem fermento.*

Escolha a verdade bíblica em vez da tradição do Domingo de Páscoa

O Domingo de Páscoa pode parecer uma tradição maravilhosa, um tempo de cestas cheias de doces e ovos coloridos, um momento para reunir amigos e familiares e participar de um serviço religioso especial. Mas entenda que esse é um costume *extrabíblico* que provém do antigo paganismo e da adoração a falsos deuses, incluindo a deusa da fertilidade Ishtar (conhecida como Astarote na Bíblia). Por isso é que os símbolos mais populares do Domingo de Páscoa são ovos e coelhos, pois são antigos símbolos de fertilidade.

Por outro lado, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos são observâncias fundamentadas nas Escrituras e ordenadas por Deus. Elas foram celebradas por Jesus e ensinadas aos gentios na Igreja primitiva, além disso, expressam a essência do evangelho cristão da salvação em Jesus Cristo.

Esse período festivo é a alternativa *bíblica* ao tradicional Domingo de Páscoa, além de ser a celebração correta a ser escolhida. A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos estão repletas de um profundo simbolismo relacionado à morte e à ressurreição de Cristo e à Sua obra contínua de limpeza espiritual naqueles que se voltam para Deus. E isso vai além de uma simples tradição humana, pois trata-se da revelação de Deus para a humanidade! **BN**

APROFUNDANDO O TEMA



As festas bíblicas da Páscoa e dos Pães Asmos revelam o papel de Cristo no plano de salvação estabelecido por Deus. Para saber mais, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico grátis “*As Festas Santas de Deus: O Plano de Deus Para a Humanidade*”.



Jesus Cristo Não Ressuscitou num Domingo de Páscoa!

Como podemos encaixar três dias e três noites entre a crucificação no entardecer de uma sexta-feira e o nascer do sol de um Domingo de Páscoa? A verdade é que isso é impossível. Então, qual é a verdade sobre o tempo transcorrido entre a crucificação e a ressurreição de Jesus?

por Scott Ashley

Cerca de um bilhão de protestantes e outro bilhão de católicos acreditam que Jesus Cristo foi crucificado e sepultado numa tarde de sexta-feira—“Sexta-feira Santa”—e ressuscitou na madrugada do Domingo de Páscoa, um dia e meio depois.

Entretanto, quando comparamos isso com o que Jesus disse sobre quanto tempo ficaria na tumba, encontramos uma grande contradição. Quanto tempo Jesus disse que ficaria na sepultura? “Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra” (Mateus 12:40, grifo nosso).

O contexto em que Jesus Cristo disse essas palavras é importante. Os escribas e fariseus estavam exigindo dEle um sinal milagroso para provar que Ele era realmente o tão esperado Messias. “Mas Ele lhes respondeu e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém *não se lhe dará outro sinal, senão o do profeta Jonas*” (versículo 39).

Esse foi o único sinal específico que Jesus entregou de que Ele era o Messias prometido: “Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, *assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra*”.

O cálculo tradicional não faz sentido

Os Evangelhos deixam claro que Jesus morreu e Seu corpo foi colocado às pressas na tumba ao entardecer, pouco antes do pôr do sol que marcava o início de um sábado (João 19:30-42).

A cronologia tradicional da “Sexta-Feira Santa ao Domingo de Páscoa”, do pôr-do-sol de sexta-feira ao pôr-do-sol de sábado perfaz *apenas uma noite e um dia*. A noite de sábado até o amanhecer de domingo completa outra noite, o que nos dá um total de duas noites e um dia. Então, onde podemos encontrar mais uma noite e dois dias para completar os três dias e três noites que Jesus disse que ficaria no túmulo?

Sem dúvida, isso é um problema. A maioria dos teólogos e estudiosos de religião tenta contornar isso argumentando que qualquer parte do dia ou da noite conta como um dia ou uma noite. Assim, eles dizem: os últimos minutos daquela tarde de sexta-feira contam como o primeiro dia, todo o sábado foi o segundo

dia e os primeiros minutos da manhã de domingo conformam o terceiro dia.

Alguns concluem que isso parece razoável.

O problema é que simplesmente *esse cálculo não está correto*. Pois, isso totaliza apenas três dias e *duas* noites e não três dias e *três* noites.

Além disso, João 20:1 nos diz que, “no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, *sendo ainda escuro*, e viu a pedra tirada do sepulcro”.

Percebeu onde está o problema aqui? João nos informa que *ainda estava escuro* quando Maria foi ao sepulcro no domingo de manhã e o encontrou vazio. Jesus *já havia ressuscitado bem antes do amanhecer*. Portanto, Ele não estava na tumba durante a parte do dia do domingo, então nada disso pode ser contado como um dia!

Assim, isso no máximo nos deixa com parte do dia da sexta-feira, toda a noite da sexta-feira, uma parte inteira da luz do dia no sábado e a maior parte da noite do sábado. E isso totaliza um dia inteiro e parte do outro dia, e uma noite inteira e a maior parte da outra noite—ainda assim isso é *no mínimo um dia inteiro e uma noite inteira* antes do período de tempo que Jesus disse que permaneceria na tumba!

Claramente algo está muito errado. Ou Jesus calculou mal o período de tempo que ficaria no túmulo ou o período de tempo entre a “Sexta-Feira Santa” e o Domingo de Páscoa não é bíblico.

Obviamente, ambas alternativas não podem ser verdadeiras. Então, qual delas está certa?

A chave está no modo como Deus calcula o tempo

A chave para entender o momento da crucificação e ressurreição de Cristo está na compreensão da maneira como Deus conta o início e o término de cada dia, assim como o tempo de Suas festas bíblicas, que ocorrem durante a primavera. E quando levamos em conta o que realmente diz a Bíblia, fica fácil de entender isso.

Antes de tudo, precisamos entender que Deus não começa e termina os dias à meia-noite como é hoje em dia. Esse método de calcular o tempo foi inventado pelo homem. O livro de Gênesis nos diz claramente que Deus começa a contar um dia a partir

Cronologia Bíblica da Crucificação e Ressurreição de Jesus Cristo



do entardecer (parte da noite) e termina no entardecer seguinte: "E foi a tarde [anoitecer] e a manhã [amanhecer], o primeiro dia" (Gênesis 1:5). Deus repete esta fórmula nos seis dias completos da criação.

Em Levítico 23, Deus apresenta todas as Suas festas santas e sábados e deixa claro que devem ser observados "duma tarde a outra tarde" (Levítico 23:32)—em outras palavras, de um pôr do sol a outro, quando o sol se põe e começa a noite.

Por isso que José de Arimatéia e Nicodemos puseram o corpo de Jesus no túmulo às pressas pouco antes do pôr do sol (João 19:39-42). Aquele pôr do sol (versículo 31) foi o início de um sábado em que todo trabalho deveria cessar.

Existem dois tipos de "sábados"

João nos diz o seguinte: "Os judeus, pois, para que no sábado não ficassem os corpos [dos crucificados] na cruz, visto como era a preparação (pois era grande o dia de sábado), rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas [para apressar a morte], e fossem tirados" (João 19:31).

Na cultura judaica daquela época, as tarefas de cozinhar e limpar a casa eram realizadas na véspera do sábado para evitar o trabalho no dia de descanso determinado por Deus. Então, o dia anterior ao sábado era comumente chamado de "dia de preparação". Assim fica claro que o dia em que Cristo foi crucificado e Seu corpo colocado na tumba foi um dia imediatamente antes de um sábado.

Mas, *que* sábado é esse?

A maioria das pessoas acredita que João está falando do sábado semanal, observado do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado. Por causa dessa declaração de João, a maioria das pessoas creem que Jesus morreu e foi enterrado em uma sexta-feira—por isso existe essa crença tradicional de que Jesus foi crucificado e morreu na "sexta-feira santa".

Então, muitos não têm ideia de que a Bíblia fala sobre *dois* tipos de sábados—o sábado semanal normal, que cai no sétimo dia da semana (não confundir com o domingo, que é o *primeiro* dia da semana), e os sete sábados *anuais*, listados em Levítico 23 e mencionados em várias passagens da Bíblia, que podem cair em *qualquer* dia da semana.

Como o cristianismo tradicional abandonou há muito tempo esses sábados anuais bíblicos (e também o sábado semanal), por muitos séculos as pessoas não têm compreendido o que os Evangelhos nos dizem sobre quando Jesus Cristo foi crucificado e ressuscitou—e por que o cálculo do tempo entre a "Sexta-Feira Santa e o Domingo de Páscoa" é uma falácia.

A maioria das pessoas não percebe que João diz claramente que aquele sábado, que começou ao pôr do sol logo após o sepultamento de Jesus, era um desses *sábados anuais*. Observe que João 19:31 explica que "era grande o dia daquele sábado"—esse termo "grande dia" era usado para diferenciar os sete sábados anuais dos sábados semanais.

Então, que "grande dia" era esse que ocorreu logo após o sepultamento de Jesus Cristo?



Os Evangelhos nos dizem que na noite antes de ser condenado e crucificado, Jesus celebrou a Páscoa com Seus discípulos (Mateus 26:19-20; Marcos 14:16-17; Lucas 22:13-15). Isso significa que Ele foi crucificado no dia da Páscoa.

O capítulo 23 de Levítico, que lista as festas de Deus, nos diz que no dia seguinte à Páscoa começava outra festa, a Festa dos Pães Asmos (Levítico 23:5-6). E no primeiro dia dessa festa há uma “santa convocação” em que “nenhum trabalho habitual” deve ser feito (Levítico 23:7).

Esse dia é o primeiro dos sábados anuais de Deus de cada ano. Esse é o “grande dia” sobre o qual João se referia. Diversos comentários bíblicos, enciclopédias e dicionários observam que João está se referindo a um sábado anual aqui em vez de um dia de sábado semanal.

Aquela Páscoa começou no pôr do sol e terminou no entardecer do dia seguinte, quando começava esse sábado anual. Nessa noite, Jesus celebrou a Páscoa com Seus discípulos e logo depois foi preso. Após o amanhecer do dia seguinte Ele foi interrogado por Pôncio Pilatos, então foi crucificado e sepultado às pressas, logo antes do próximo pôr do sol, quando começava o “grande dia”, o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos.

Cabe ressaltar que muitas vezes os judeus se referiam genericamente a toda a Festa dos Pães Asmos como “Páscoa”, isso explica por que o dia do sofrimento e crucificação de Cristo é chamado dia de “preparação da Páscoa” (João 19:14)—ou seja, o primeiro dia santo ou sábado anual da semana da Páscoa.

O capítulo 23 de Levítico nos mostra a ordem e o tempo desses dias, e os Evangelhos confirmam essa sequência e o desenrolar desses eventos.

Jesus foi crucificado em uma quarta-feira

O fato é que no ano em que Jesus foi crucificado a ceia da Páscoa ocorreu na noite de terça-feira e o pôr do sol da quarta-feira marcava o início daquele “grande dia”, o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos.

Então, Jesus foi crucificado e sepultado em uma tarde de *quarta-feira* e não numa *sexta-feira*. A prova disso pode ser encontrada nos próprios Evangelhos.

Vamos analisar um detalhe raramente notado no Evangelho de Marcos: “E, *passado o sábado*, Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Tiago, compraram aromas para irem ungi-Lo” (Marcos 16:1).

Naquela época, se o corpo de um ente querido fosse colocado em uma tumba em vez de ser enterrado, geralmente os amigos e familiares colocavam especiarias aromáticas ao lado do corpo para reduzir o mau cheiro proveniente da decomposição do cadáver.

Visto que o corpo de Jesus foi colocado na tumba pouco antes do início daquele grande dia de sábado, as mulheres não tiveram tempo de comprar as especiarias antes do começo desse dia de descanso. Além disso, elas não poderiam comprá-las no dia de sábado, pois o comércio estava fechado. Assim, diz Marcos, elas compraram as especiarias *depois do sábado*—“passado o sábado”.

Contudo, observe outro detalhe revelador em Lucas 23:55-56: “E as mulheres que tinham vindo com Ele [Cristo] da Galileia seguiram também e viram o sepulcro e como foi posto o Seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos e, *no sába-*

do, repousaram, conforme o mandamento”.

Você consegue perceber algum problema aqui? Marcos afirma claramente que as mulheres compraram as especiarias *depois* do sábado—“passado o sábado”. E Lucas nos diz que as mulheres prepararam as especiarias e óleos aromáticos, e, “*no sábado, repousaram, conforme o mandamento*”.

Então, elas compraram as especiarias *depois* do sábado e as prepararam *antes* do descanso sabático. Parece que há uma clara contradição entre esses dois relatos bíblicos—a menos que estivessem se referindo a *dois* sábados!

Tenha certeza que suas crenças e práticas estão firmemente baseadas na Bíblia. Você está disposto a se comprometer a adorar a Deus segundo a verdade bíblica em vez de tradições humanas?

Na verdade, quando entendemos que aqui se mencionam *dois sábados diferentes*, o problema desaparece.

Marcos nos diz que depois daquele “grande dia de sábado”, que naquele ano deve ter começado no pôr do sol da quarta-feira e terminado no pôr do sol da quinta-feira, as mulheres compraram as especiarias para ungir o corpo de Jesus. Então, Lucas nos conta que as mulheres prepararam as especiarias—que teria ocorrido na sexta-feira—e que depois, “*no sábado* [o sábado semanal normal, observado do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado], *repousaram conforme o mandamento*”.

Ao comparar os detalhes de ambos os relatos com um entendimento adequado de três dias e três noites, podemos ver claramente que são mencionados dois sábados diferentes juntamente com um dia de trabalho—sexta-feira—entre eles. O primeiro sábado era um “grande dia”—o primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, que caiu em uma quinta-feira naquele ano. O segundo era o sábado semanal do sétimo dia.

O grego original em que os Evangelhos foram escritos também nos diz claramente que haviam dois sábados nesses relatos. Mateus 28:1 diz que as mulheres foram ao túmulo “depois do sábado”, e aqui a palavra *sábado*, na verdade, está no *plural* e deveria ser traduzida como “*sábados*”. Algumas traduções da Bíblia, como o Novo Testamento Interlinear Grego-Português e a Bíblia de Estudo LTT deixam isso bem claro.

Quando Jesus ressuscitou?

Assim, vimos que Jesus Cristo foi crucificado e sepultado numa quarta-feira, pouco antes de começar um *sábado anual*—e não em um sábado semanal. Então, quando Ele ressuscitou?

Como observado anteriormente, João 20:1 nos diz que “no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, *sendo ainda escuro*, e viu a pedra tirada do sepulcro”. O sol ainda não havia nascido—“*sendo ainda escuro*”, nos diz

João—quando Maria encontrou o túmulo vazio.

Por isso é óbvio que Jesus não ressuscitou no amanhecer do domingo. Então, quando isso aconteceu? Simplesmente, a resposta está nos Evangelhos—e nas próprias palavras de Jesus Cristo—se aceitarmos o que está escrito neles.

“Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, *assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra*”, disse Jesus (Mateus 12:40).

Como visto, Jesus foi sepultado—colocado “no seio da terra”—pouco antes do pôr do sol de uma quarta-feira. Então, a contagem deve ser feita a partir disso. Um dia e uma noite nos levam ao pôr do sol da quinta-feira. Outro dia e noite nos levam ao pôr do sol da sexta-feira. Um terceiro dia e noite nos levam ao pôr do sol de sábado.

Assim, segundo as palavras do próprio Jesus Cristo, Ele sairia da sepultura três dias e três noites depois de ter sido sepultado, mais ou menos no mesmo horário—próximo ao pôr do sol. E isso concorda com as Escrituras? Sim! Como já vimos, Ele já tinha sido ressuscitado e o sepulcro estava vazio quando Maria chegou, “sendo ainda escuro”, na manhã de domingo.

Embora ninguém estivesse por perto para testemunhar a ressurreição dEle (que ocorreu no interior de um túmulo lacrado e vigiado por guardas armados), as próprias palavras de Jesus Cristo e os detalhes registrados nos Evangelhos mostram que isso aconteceu três dias e três noites depois de Seu sepultamento, no fim do sábado semanal, próximo ao pôr do sol.

Por muito que tentemos, é impossível encaixar três dias e três noites entre o sepultamento na sexta-feira e a ressurreição na manhã de domingo. A tradição de uma ressurreição entre a Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa simplesmente é falsa e antibíblica. Mas se olharmos para todos os detalhes registrados nos Evangelhos, comparando com as palavras de Jesus, podemos enxergar a verdade—e tudo se encaixa perfeitamente.

As palavras do anjo de Deus, que surpreendeu as mulheres naquele túmulo vazio, são absolutamente verdadeiras: “O anjo disse às mulheres: Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. *Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito*” (Mateus 28:5-6, NVI).

Portanto, não devemos nos apegar a tradições religiosas e ideias inexistentes nas Escrituras. Tenha certeza que suas crenças e práticas estão firmemente baseadas na Bíblia. Você está disposto a se comprometer a adorar a Deus segundo a verdade bíblica em vez de tradições humanas? BN

APROFUNDANDO O TEMA



E o que você leu aqui é apenas parte da história. Como o Domingo de Páscoa se tornou um feriado religioso tão popular se Jesus não ressuscitou num domingo? E como esses símbolos curiosos de coelhos e ovos de chocolates coloridos foram vinculados a esse dia? Para descobrir o resto da história, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico gratuito “*Feriados Religiosos ou Dias Santos: Será Que Importa Quais Dias Observamos?*”.

Documentos Antigos Evidenciam Uma Crucificação Na Quarta-Feira

Você sabia que há mais evidências históricas de uma crucificação na quarta-feira? Embora fosse uma posição minoritária e contra os ensinamentos predominantes da igreja romana, alguns antigos documentos históricos reconhecem que, naquela ocasião, a celebração da Páscoa ocorreu na terça-feira à noite, a crucificação se deu na quarta-feira e a ressurreição foi no sábado à tarde—isso corrobora o registro bíblico.

Por volta do ano 200 d.C., um documento que pretendia transmitir uma instrução apostólica, chamado *Didascalia Apostolorum*, menciona que a última Páscoa de Jesus Cristo e Seus discípulos aconteceu numa noite de terça-feira.

Esse documento declara: “Pois, havendo comido a Páscoa no entardecer do *terceiro dia* da semana [anoitecer de terça-feira], saímos para o Monte das Oliveiras; e à noite eles prenderam nosso Senhor Jesus. E no dia seguinte, que era o *quarto dia* da semana [quarta-feira], Ele se encontrava detido na casa de Caifás, o sumo sacerdote” (grifo nosso).

Paradoxalmente, o texto continua mencionando que Jesus foi crucificado em uma sexta-feira—demostrando muita confusão sobre as datas, pois o relato bíblico afirma claramente que Cristo foi crucificado no período de luz daquele dia, após a noite da ceia pascal e da prisão. Entretanto, o documento demonstra que alguns entendiam que a Páscoa foi na noite de terça-feira, o que corresponde a uma crucificação no dia seguinte, quarta-feira.

Epifânio (367-403 d.C.), o bispo de Salamina, escreveu que “a quarta e a sexta-feira são dias de jejum até a nona hora porque,

na *quarta-feira* deu-se início à prisão do Senhor e na sexta-feira foi crucificado”. Como podemos ver, embora a visão predominante fosse que a sexta-feira era o dia da crucificação, a quarta-feira era reconhecida como o dia da prisão de Cristo (conforme aconteceu nas primeiras horas antes do amanhecer daquele dia).

No século V, as celebrações do Domingo de Páscoa se tornaram comuns. No entanto, um historiador da igreja daquela época chamado Sócrates observa numa seção de sua história, intitulada “Differences of Usage in Regard to Easter” (Diferenças de costumes relativos ao Domingo de Páscoa, em tradução livre), que alguns cristãos celebravam a ressurreição *no sábado* e não no domingo. Ele também disse: “No Oriente, outros celebram essa festa *no sábado*”.

O bispo Gregório de Tours (538-594), embora cresse em uma ressurreição no domingo, observou que muitos acreditavam que Jesus ressuscitou *no sétimo dia da semana*, afirmando: “Em nossa crença, a ressurreição do Senhor foi no primeiro dia, e *não no sétimo como muitos creem*”.

Portanto, em vez de uma aceitação monolítica do cenário da Sexta-Feira Santa e do Domingo de Páscoa, houve muita confusão sobre a cronologia da crucificação de Cristo nos primeiros séculos. Além disso, esses registros históricos mostram que uma minoria de cristãos naquela época entendia que o calendário bíblico mostrava uma Páscoa na terça-feira à noite, uma crucificação na quarta-feira e uma ressurreição no fim da tarde de sábado.

— Mario Seiglie



Chega de Fingimento!

Abandone a Hipocrisia!

Viver sob uma máscara social é uma vantagem ilusória e passageira. Mas todos nós estamos sob o olhar do Deus que abomina a mentira e nos chama para viver com integridade.

por Don Hooser

Crescer em um lar cristão me permitiu ouvir sobre escândalos de líderes religiosos famosos que foram expostos por pecados terríveis—às vezes, o mesmo tipo de comportamento que esses pregadores condenavam publicamente! Esse tipo de hipocrisia descarada obviamente causa um grande dano, transmitindo às pessoas uma má impressão da religião professada.

Essas notícias absurdas de tanta hipocrisia me chocavam, enojavam e revoltavam. Eu tinha a convicção de que nunca seria um hipócrita. Contudo, ao refletir sobre meu passado, envergonho-me de não ter reconhecido a minha própria hipocrisia na adolescência ao agir deliberadamente de maneira contrária aos ensinamentos cristãos. Pouco tempo depois, na faculdade, tive um choque de realidade durante uma discussão com meu melhor amigo. Ele me disse que não acreditava em Deus, então eu fiquei muito indignado e tentei convencê-lo de que isso era absurdamente errado. Em seguida, ele comentou que nada disso parecia importar, visto que nós dois levávamos a vida agindo exatamente da mesma maneira.

Aquilo me atingiu como um soco no estômago. Percebi que estava vivendo de forma hipócrita! E isso teve um efeito profundo sobre mim. Mais tarde, passei a entender que aquilo fazia parte da intervenção de Deus em minha vida para que eu me tornasse um

seguidor sincero e dedicado de Jesus (ver João 6:44, 65). Depois disso, tomei a decisão de me esforçar seriamente para viver o restante da minha vida como um verdadeiro cristão. Aquilo foi um verdadeiro divisor de águas.

Evidentemente, todos precisamos nos autoexaminar constantemente para que a hipocrisia não volte a se infiltrar em nossa vida. Precisamos compreender essa tendência da nossa natureza humana corrompida, reconhecer o quanto ela é prejudicial e continuar resistindo para afastá-la de nossa vida.

Uma máscara de falsidade reprovada pelas Escrituras

A hipocrisia consiste em aparentar uma determinada moralidade ou código de conduta enquanto se desconsidera ou negligencia esses princípios na vida privada. Essa palavra vem de uma terminologia grega usada no Novo Testamento onde “hipocrisia” se referia originalmente à atuação em uma peça teatral e “hipócrita” designava o ator que interpretava um personagem. A raiz do termo significava literalmente decidir sob uma máscara em uma alusão direta às máscaras cênicas utilizadas no teatro grego. A princípio, essa palavra não significava algo ruim, mas passou a ser uma metáfora para alguém que finge ser o que não é num sentido pejorativo de encenação e falsidade.

Vemos algo semelhante quando alguém coloca uma máscara social, ou seja, age como uma pessoa de “duas caras”, criando uma fachada para esconder sua verdadeira índole e propósitos. Isso também é chamado de duplicidade e prática de discurso ambivalente, ocultando interesses escusos. Notamos isso também no uso de duplo padrão de julgamento para avaliar os outros, frequentemente isentando de qualquer culpa a si mesmo e as pessoas próximas.

A hipocrisia é pecado, pois constitui uma forma de mentira expressa na desonestidade das palavras e no engano das atitudes. A lei de Deus proíbe tanto o falso testemunho quanto a prática da falsidade e da mentira (Êxodo 20:16; Levítico 19:11). Na verdade, Deus odeia a mentira! Provérbios 6:16-19 declara que, entre as sete coisas que Deus odeia, estão “a língua mentirosa” e a “testemunha falsa que profere mentiras”.

As pessoas mentem tanto com palavras quanto com ações. E quando o discurso não condiz com a prática, isso caracteriza insinceridade e hipocrisia. Muitas vezes as pessoas ditam regras que elas mesmas não seguem. Elas proclamam virtudes, mas não praticam o que pregam. Alguém pode se comportar como amigo, mas estar planejando uma traição pelas costas. Havia pessoas que dirigiam palavras lisonjeiras a Jesus enquanto tramavam a Sua morte.

A hipocrisia às vezes é ironicamente cômica, como quando Jesus se referiu à pessoa que pretende tirar um cisco do olho do outro enquanto tem uma viga em seu próprio olho, ou quando chamou os falsos mestres de “guias cegos” que levam seus seguidores direto para um buraco (Mateus 7:3-5; 15:14). Contudo, esse é um pecado muito grave. Inclusive, a reação mais forte de Jesus Cristo em Seu ministério teve como alvo a hipocrisia religiosa que permeava a sociedade daquela época.

Ele condenou as obras de caridade, as orações e o jejum realizados com o objetivo de impressionar os outros (Mateus 6:1-8, 16-18). Além disso, em Mateus 23, Ele repreendeu duramente os líderes religiosos. A leitura desse capítulo revela as diversas manifestações e os efeitos da hipocrisia daquele tempo, especialmente a maneira como esses líderes religiosos sobrecarregavam as pessoas com uma infinidade de regras e tradições, enquanto eles mesmos se isentavam de cumpri-las, exceto quando buscavam ser vistos e admirados como homens justos.

Eles eram meticulosos com procedimentos insignificantes e morosos, enquanto negligenciavam “a justiça, a misericórdia e a fé” (versículos 23-24, ARA). Eles eram obcecados com a própria imagem, esforçando-se para parecer santos, mas Jesus os comparou a “sepulcros caiados”, que por fora tinham boa aparência, mas por dentro estavam cheios de imundície e corrupção (versículo 27). Jesus resumiu assim o estado espiritual desses líderes e da nação inteira: “Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim” (Marcos 7:6).

A Bíblia nos adverte a jamais acrescentar ou retirar algo da revelação de Deus à humanidade (Deuteronômio 4:2; 12:32; Apocalipse 22:18-19). Portanto, não causa estranheza que Jesus tenha manifestado tamanha indignação contra essa liderança

Devido ao orgulho e ao egoísmo da natureza humana, às vezes todos nós somos tentados a ser hipócritas.

religiosa prepotente, sobretudo os fariseus e saduceus hipócritas, que violavam esse princípio de diversas formas e *substituíam* os mandamentos de Deus por *tradições* humanas (ver Marcos 7:9). Eles usavam suas posições de autoridade para promover uma religião legalista e falsa enquanto se exaltavam com uma santidade fingida. Essa atitude confundia e desalentava o

povo, pois transmitia uma impressão negativa da verdadeira religião de Deus.

Pelo fato de os fariseus representarem a face mais visível da hipocrisia legalista, as palavras *farisaísmo* e *farisaico* foram incorporadas ao vocabulário português para descrever comportamentos religiosos hipócritas.

Um problema comum a todos

Contudo, a hipocrisia não é apenas um problema de falsos mestres religiosos ou de pessoas “más”. Devido ao orgulho e ao egoísmo da natureza humana, *todos* nós, às vezes, somos tentados a agir com hipocrisia. Em certa ocasião, até mesmo o apóstolo Pedro agiu com hipocrisia, influenciando Barnabé e os outros judeus presentes a seguirem o seu exemplo! Diante disso, o apóstolo Paulo precisou repreendê-los publicamente (ver Gálatas 2:11-14).

Todos precisamos buscar agradar a Deus, em vez de impressionar as pessoas. Jesus elogiou a integridade daqueles em quem não há engano ou falsidade (João 1:47).

Muitos fingem ser quem não são diante das pessoas, sem necessariamente se considerarem hipócritas por isso. E as motivações podem variar desde o desejo de causar uma boa impressão ou obter favores e lucros, até atos como trapacear, roubar, praticar crimes, seduzir alguém ou fugir de uma punição, entre outros exemplos. Pode até ser que não haja sequer uma má intenção explícita, mas apenas o desejo de causar uma boa impressão, manter a reputação ou evitar o constrangimento e outras consequências, algo que acontece com uma naturalidade desconcertante.

Isso ilustra a verdade contida em Jeremias 17:9: “*Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?*” (ARA, grifo nosso). Devido à natureza enganosa do coração, temos dificuldade em entender a nós mesmos! Temos a tendência de ser míopes e cegos para nossas próprias falhas e pecados.

Um famoso ditado atribuído ao poeta escocês Robert Burns diz: “Oh, quem dera tivéssemos o dom de nos vermos como os outros nos veem!”. Contudo, um dom ainda mais valioso é a capacidade de nos vermos *como Deus nos vê*! Jeremias 10:23 declara: “Eu sei, ó SENHOR, que não cabe ao homem determinar o seu caminho, nem ao que caminha o dirigir os seus passos” (ARA). Provérbios 16:25 afirma: “Há caminho que parece direito ao homem, mas o seu fim são os caminhos da morte”.

Como temos essa inclinação para a cegueira espiritual, precisamos pedir constantemente a Deus que coloque diante de nós um espelho espiritual para que possamos nos ver como realmente somos. Salmos 139:23-24 declara: “Examina-me, ó Deus, e conhece meu coração; prova-me e vê meus pensamentos. Mostra-me se há

em mim algo que Te ofende e conduze-me pelo caminho eterno” (Nova Versão Transformadora).

O reconhecimento de nossa hipocrisia deveria ser acompanhado de culpa e vergonha, pois a falta desses sentimentos é um indício perigoso de que nossa consciência pode estar se tornando insensível. Paulo escreveu a respeito da “hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência” (1 Timóteo 4:2).

As pessoas tendem a justificar-se quando têm uma ideia distorcida da justiça de Deus. Essa ideia é ilustrada pela imagem da “Dama da Justiça” de olhos vendados segurando uma balança. Elas supõem que a aprovação de Deus está assegurada se suas boas obras forem maiores que seus erros. Por exemplo, alguém pode levar uma vida de mentiras e trapaças e, ainda assim, acreditar que é um “bom cristão” apenas por servir em sua igreja e ser generoso em suas ofertas. Mas praticar o bem não justifica o mal!

Tenha em mente que Deus não pode ser enganado! Ele conhece cada uma de nossas ações, palavras e até mesmo os nossos pensamentos!

O desrespeito ao nome de Deus

O terceiro mandamento, que ordena não tomar o nome de Deus em vão, é frequentemente mal interpretado. O seu propósito não se limita apenas a pronunciar o nome de Deus de maneira desrespeitosa. A ênfase está em não “carregar” o nome de Deus como identificação espiritual enquanto vivemos ou defendemos aquilo que Ele desaprova. Em outras palavras, devemos ter muito cuidado para não macular o nome e a identidade de Deus por meio de nossas palavras e atitudes.

Por exemplo, praticar algo errado enquanto se apresenta como “cristão” inevitavelmente projeta uma imagem negativa do cristianismo. Um exemplo marcante é o comportamento escandaloso de alguns pastores “cristãos”.

Obviamente, a hipocrisia daqueles que se dizem “pessoas de Deus” é uma afronta que desonra o nome do Criador e distorce Seus ensinamentos. Por essa razão, o terceiro mandamento é fundamental. A hipocrisia de usar o nome de Deus para se identificar enquanto se pratica o mal é um grande pecado! Isso causa um dano espiritual muito maior do que se essa ação pecaminosa fosse praticada por alguém que não professa qualquer vínculo com Deus.

Paulo repreendeu os judeus, incumbidos de representar a Deus,



A manifestação mais veemente de ira de Jesus Cristo foi contra a hipocrisia religiosa da sociedade daquele tempo. Ele condenou as obras de caridade, as orações e o jejum realizados com o objetivo de impressionar os outros.

por darem um mau exemplo: “Tu, pois, que ensinas a outro, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve adulterar, adulteras . . . Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Porque, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios (outras nações) por causa de vós” (Romanos 2:21-24). Deus espera uma obediência sincera que emana do coração, “cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus” (versículo 29).

O fermento da hipocrisia

Mais uma vez, os fariseus e outros líderes religiosos do tempo de Jesus eram extremamente hipócritas. Eles eram movidos pelo desejo de poder religioso e político, buscando posições influentes, honrarias e benefícios pessoais. Eles se gloriam em seus títulos e faziam questão de exercer domínio sobre o povo. Eles temiam e odiavam a Jesus porque percebiam como Sua influência expunha cada vez mais a hipocrisia e a ilegitimidade da autoridade deles.

A hipocrisia perniciosa do farisaísmo havia se tornado uma chaga que infectava grande parte da sociedade da época de Jesus. Contudo, Jesus Cristo veio ao mundo para iniciar a restauração da verdadeira ordem!

Jesus advertiu Seus próprios discípulos: “Adverti e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus” (Mateus 16:6). Num primeiro momento ficaram perplexos, mas logo

perceberam que Ele estava se referindo à *doutrina* ou aos *ensinamentos* desses grupos religiosos (versículo 12). Jesus ainda declarou que o “fermento dos fariseus . . . é a *hipocrisia*” (Lucas 12:1).

Mas o que é fermento? É uma substância adicionada à massa do pão para fazê-la crescer durante o cozimento, resultando em um aspecto estufado e em uma consistência macia. Naquela época, o agente fermentador era a levedura, que libera bolhas enquanto fermenta na massa do pão, a partir de um pedaço de massa fermentada que era guardado de uma fornada anterior.

A principal característica do fermento biológico é a *rapidez com que ele se espalha* por uma massa aquecida. O fermento não era permitido nas ofertas de cereais queimadas sobre o altar de Deus nem na Festa dos Pães Asmos que se seguia à Páscoa (Levítico 2:11; Êxodo 12:15-19), pois o processo de fermentação naqueles rituais representava simbolicamente a corrupção e o pecado. Isso ilustrava perfeitamente a natureza

contagiosa da hipocrisia e também das falsas doutrinas e da má conduta. Essas influências e seus efeitos propagam-se facilmente e contaminam todos ao redor.

Agora compreendemos a razão pela qual Jesus assemelhou a hipocrisia e as práticas dos fariseus e de outras seitas religiosas ao efeito do fermento. Grande parte dos ensinamentos deles não passava de retórica vazia desprovida da substância encontrada na verdade revelada por Deus nas Escrituras, assim como um pão fermentado não possui tanta massa quanto aparenta ter.

No contexto da Festa dos Pães Asmos, Paulo censurou os cristãos que estavam “inchados” de orgulho, assim como um pão é inchado pelo fermento (1 Coríntios 4:18-19; 5:2, 6-8). Em Gálatas 5, Paulo alerta quanto à propagação de falsas doutrinas e as compara ao fermento, ressaltando que “um pouco de fermento leveda toda a massa” (versículo 9). Ele repete essa advertência em 1 Coríntios 5:6 ao abordar a convivência com um pecado escandaloso na Igreja. Todas essas passagens das Escrituras são avisos importantes para o povo de Deus hoje.

Afaste o mal e cultive o bem

A Bíblia revela o maravilhoso plano de Deus para transformar seres humanos pecadores e hipócritas em santos perdoados e humildes. O processo de conversão estabelecido por Deus começa quando Ele escolhe e atrai alguém para ser um verdadeiro seguidor e discípulo (João 6:44, 65). O apóstolo Pedro declarou: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados” (Atos 3:19). Pedro explicou o que uma pessoa deve fazer para ser perdoada: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).

Então, os seguidores de Cristo, que são chamados de “santos” por terem sido santificados ou separados para Deus, devem viver fielmente como filhos de Deus obedientes até o fim de suas vidas para receberem a recompensa da vida eterna em Seu Reino.

Jesus disse: “Aquele que perseverar até ao fim será salvo” (Mateus 24:13).

A santidade não é uma conquista imediata, mas o resultado de uma trajetória de aperfeiçoamento contínuo e de superação do pecado. É importante observar que qualquer cristão está sujeito à acusação de hipocrisia por não conseguir praticar plenamente sua fé. Até mesmo o apóstolo Paulo mencionou sua luta persistente contra o pecado em sua vida (ver Romanos 7). Contudo, não se pode confundir a luta sincera contra o pecado com a encenação deliberada de uma obediência que nunca se pretende praticar. Aqueles que se esforçam por seguir a Deus, mesmo tropeçando e arrependendo-se continuamente, não devem ser considerados hipócritas, ainda que ocasionalmente possam incorrer em atitudes de hipocrisia.

O plano de Deus para salvar a humanidade está representado nas sete festas santas anuais descritas em Levítico 23. Tudo isso começa com a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos, que

Paulo incentivou os cristãos a observarem em 1 Coríntios 5:7-8, utilizando o simbolismo de Cristo como nossa Páscoa e o pão levedado representando o pecado durante aquele período. (Leia também o artigo “A Alternativa Bíblica ao Domingo de Páscoa” a partir da página 11).

Entretanto, Paulo destacou que o ato de remover o fermento físico deve ser apenas um reflexo da eliminação essencial da malícia, da maldade e da hipocrisia de nosso caráter, enquanto nos alimentamos dos “pães sem fermento da sinceridade e da verdade” (versículo 8, NVI). Observe novamente as palavras “sinceridade e verdade”, que são o exato oposto da hipocrisia.

E esse pão representa a aceitação de Cristo em nós, o verdadeiro Pão da Vida (João 6:32-51), no qual jamais houve ou haverá qualquer pecado.

O ego inflado e a hipocrisia de nossa natureza humana devem ser substituídos pela natureza de Jesus Cristo, permitindo que o nosso “velho homem” morra com Ele para sermos erguidos em Sua ressurreição para uma vida inteiramente nova (ver Romanos 6).

As palavras de Deus em Jeremias 4:22 a respeito de Seu povo da antiguidade refletem a realidade de todos os que vivem sem Sua direção

espiritual: “O Meu povo é tolo . . . São hábeis para praticar o mal, mas não sabem fazer o bem” (NVI).

Existe, de fato, um tipo de sabedoria no emprego do engano e da hipocrisia para obter aquilo que o coração deseja. O apóstolo Tiago a chama de sabedoria “terrena, animal e diabólica”, definindo-a como um caminho de busca egoísta e de mentiras arrogantes contra a verdade que resulta em “perturbação e toda obra perversa” (Tiago 3:14-15). Contudo, aqueles que persistem em buscar esse tipo de sabedoria não herdarão a vida eterna!

Em contrapartida, ele nos instruiu a buscar “a mansidão de sabedoria” (versículo 13), a qual constitui a autêntica sabedoria proveniente de Deus: “A sabedoria que vem do alto é, primeiramente, pura, depois, pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e *sem hipocrisia*” (versículo 17).

Então, se queremos agradar a Deus, precisamos deixar de fingir e viver com sinceridade. Abandonem o fermento da hipocrisia e de todo pecado e vivam segundo a sabedoria pura e celestial! E essa sabedoria provém unicamente de Cristo, “o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). Apenas nEle encontramos sinceridade e verdade. **BN**

APROFUNDANDO O TEMA



Para compreender mais profundamente como Deus trabalha em nossa redenção e salvação, auxiliando-nos a abandonar o passado para refletir o Seu caráter, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico grátis “Transformando A Sua Vida: O Processo de Conversão”.



A Controvérsia do Inferno de Fogo Eterno

A mudança de alguns setores da comunidade cristã evangélica da visão tradicional do inferno para a crença na destruição total dos ímpios está causando um grande alvoroço.

Mas o que a Bíblia realmente ensina sobre esse tema?

por Ken Loucks

Qual é o destino daqueles que rejeitam definitivamente a Deus e se recusam a se arrepender de seus pecados? Conforme o entendimento tradicional do cristianismo, eles queimarão em um fogo do inferno inextinguível por toda a eternidade. Muitos que se sentem incomodados com essa ideia, por considerá-la incompatível com o amor e a misericórdia de Deus, têm aceitado outras perspectivas. Alguns pensam que o fogo do inferno é apenas uma linguagem figurada para o sofrimento nesta vida. Outros defendem a ideia da salvação universal e dizem que, no fim, todos serão salvos e ninguém se perderá. Entretanto, não é isso que a Bíblia ensina. E, obviamente, o que as Escrituras declaram é o que realmente importa conhecermos e entendermos.

Geralmente, os cristãos concordam que Deus vai julgar os vivos e os mortos, que cada um de nós vai prestar contas a Jesus Cristo e que rejeitar a Deus traz consequências terríveis. A verdade é que o fogo do inferno aparece na Bíblia como um aviso sério e não como uma metáfora que se possa ignorar. Sem dúvida, haverá julgamento. A questão é como a Bíblia descreve o *resultado final* desse julgamento.

Recentemente, esse assunto voltou a ganhar atenção por causa de um vídeo do conhecido ator e agora evangelista Kirk Cameron, em que ele traz à tona um questionamento com o qual muitos cristãos enfrentam em silêncio, mas raramente expressam: “*Estamos errados sobre o inferno?*”. Ele questiona o que a Bíblia realmente ensina sobre o destino final dos ímpios, ponderando se eles seriam mantidos vivos eternamente em sofrimento consciente ou se as Escrituras descrevem um desfecho diferente, resultando em uma destruição total conhecida como a segunda morte.

Esse evangelista surpreendeu muitos líderes evangélicos ao se posicionar a favor da *imortalidade condicional* ou *condicionalismo* (contrária à ideia da alma imortal, afirmando que a vida eterna é

concedida apenas aos salvos) e o *aniquilacionismo*, ou seja, a crença na total destruição dos impenitentes.

As reações contundentes às declarações dele revelam como as crenças sobre o inferno estão entranhadas na religião convencional. Enquanto alguns se mostraram favoráveis ao debate, outros manifestaram o receio de que o questionamento das formulações tradicionais comprometa dogmas fundamentais, visto que a tese do condicionalismo tem avançado no meio evangélico. Contudo, esse assunto não é inédito e muito menos irrelevante. Trata-se de um questionamento sobre o verdadeiro ensinamento bíblico desse tema e, por extensão, sobre o caráter de Deus.

O contraste entre a vida eterna e a morte definitiva pelo fogo

A Bíblia apresenta constantemente a vida eterna como algo concedido e não como algo garantido. Paulo declara: “Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus, nosso Senhor” (Romanos 6:23). O contraste é entre dois desfechos opostos, a vida e a morte, em vez de dois tipos diferentes de existência eterna.

Ezequiel registra esta declaração de Deus: “A alma que pecar, essa morrerá” (Ezequiel 18:4). Jesus advertiu que Deus é capaz de “destruir tanto a alma como o corpo no inferno [Geena]” (Mateus 10:28, NVI)—O termo *Geena*, traduzido aqui como inferno, se refere ao Vale de Hinom nos arredores de Jerusalém, que servia como um local para a queima de lixo e resíduos. A ideia de destruição total do corpo e da alma (ou da existência consciente) não expressa a ideia de sofrimento interminável, mas de uma aniquilação completa.

O Antigo Testamento mantém um padrão constante ao descrever o destino dos ímpios. “Os ímpios perecerão”, escreveu o rei

Davi, acrescentando que “desaparecerão e *em fumaça se desfarão*” (Salmos 37:20, grifo nosso). Malaquias profetizou um tempo em que os ímpios seriam queimados como a palha, não lhes restando “nem raiz nem ramo”, tornando-se “cinza debaixo das plantas de vossos pés” (Malaquias 4:1-3).

A ênfase reiterada das Escrituras não recai sobre uma existência consciente perpétua sob juízo, mas sobre a destruição irreversível —incineração até reduzir-se a fumaça e cinzas.

Ao mesmo tempo, precisamos levar a sério as advertências de Jesus sobre um “fogo que nunca se apagará”, “trevas exteriores” e “pranto e ranger de dentes”. Essas expressões não descrevem simplesmente um adormecer tranquilo do qual nunca se desperta. Jesus pretendia que Suas palavras chocassem, advertissem e despertassem acerca do terrível fim reservado àqueles que persistentemente se recusam a segui-Lo.

A questão, todavia, reside na natureza desse fim. Isso terminaria em destruição ou continuaria para sempre? É importante compreender que “fogo que nunca se apagará” não significa um fogo que queima eternamente. Isso significa um fogo que *não pode ser extinto antes de cumprir seu propósito* (Marcos 9:43), queimando até que não reste mais nada para consumir. A palha mencionada em Mateus 3:12 é *destruída* por esse fogo inextinguível; ela não fica queimando para sempre.

O simbolismo bíblico acerca da punição definitiva ressaltam sobretudo a certeza e a severidade do juízo, não necessariamente sua duração. O fogo consome, as trevas separam da luz da vida, e a destruição extingue o que existia. Essas metáforas destacam a seriedade e a irreversibilidade do julgamento, sem pressupor um estado de consciência eterna dos que são punidos.

Aqueles que rejeitam definitivamente a Deus aguardam o juízo de “fogo vingador prestes a *consumir* os adversários” (Hebreus 10:27, ARA), ou seja, serão completamente destruídos.

Jesus declarou que os ímpios irão para o “castigo eterno” e os justos para a “vida eterna” (Mateus 25:46, ARA). Esse paralelismo é frequentemente interpretado como indicativo de uma duração idêntica de experiência consciente. Contudo, as Escrituras frequentemente usam o termo “eterno” para descrever *resultados*, e não processos ininterruptos. Então, isso não significa uma punição interminável, mas um castigo cujas consequências são definitivas e irreversíveis.

Analogamente, Hebreus refere-se ao “juízo eterno” (Hebreus 6:2), embora o juízo não seja uma ação que continue ininterruptamente. Trata-se de um veredito com efeito permanente. Assim também, a “eterna redenção” (Hebreus 9:12) não significa que Cristo está nos redimindo *continuamente*, mas que a redenção realizada por Ele *já jamais expira*.

A declaração de Paulo sobre a “eterna destruição” (2 Tessalonicenses 1:9) reforça esse entendimento. Uma destruição eterna não pressupõe um processo interminável de destruição, mas que o que foi destruído nunca mais volte a existir.

A justiça divina e a lógica humana

Deus estabeleceu para israelitas o princípio de justiça do “olho por olho”, indicando não apenas que a punição deve ser proporcional ao crime, mas também que não deve excedê-lo. Na verdade, o nosso próprio senso de justiça nesse aspecto procede de Deus, o verdadeiro árbitro da justiça. Reflita, portanto, se é razoável que pecados cometidos no curto intervalo de uma vida

humana resultem em um suplício por toda a eternidade. Como esse evangelista observa em seu vídeo, a pessoa condenada não estaria um segundo sequer mais próximo do fim de sua sentença.

Grande parte das justificativas dessa doutrina do tormento eterno consciente apoia-se mais em deduções filosóficas do que em afirmações explícitas das Escrituras. Um dos argumentos mais difundidos sustenta que, na perfeita justiça de Deus, todo pecado, ainda que finito, é cometido contra um Ser infinito e, por isso, requer punição igualmente infinita.

Mas isso não passa de uma concepção teórica carente de evidências. Em parte alguma a Bíblia afirma que os pecados são punidos eternamente *porque* Deus é infinito. Ademais, essa ideia é ilógica, pois significaria que a justiça divina *já* poderia ser satisfeita. A verdade é que ela seria plenamente satisfeita através da morte de Cristo para aqueles que a aceitam. Porém, como alguns a rejeitam, jamais haverá para eles um desfecho que satisfaça essa justiça. Nesta perspectiva, a própria justiça divina “forçaria” Deus a manter essas pessoas em um sofrimento eterno no inferno, ainda que isso não satisfaça essa mesma justiça.

Ainda que se transcorressem bilhões, trilhões ou quatrilhões de anos de tormento, não haveria qualquer perspectiva de alívio, pois isso jamais aconteceria.

Isso faz sentido? Seria lógico pensar que Deus tenha criado seres humanos já sabendo que teria de enviar muitos deles a um tormento eterno, enquanto Ele e os salvos se regozijariam por toda a eternidade?

Isso não transmite uma imagem muito sombria de Deus? Se essa ideia o incomoda, você está certo em se sentir assim! Novamente, toda a nossa concepção de justiça plena emana de Deus. Além disso, a Bíblia afirma que *Deus é amor* (1 João 4:8, 16)—uma preocupação altruísta pelos outros. E também declara que “a misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tiago 2:13). Sem dúvida, esse conceito se aplica plenamente ao sacrifício de Cristo, que suportou esse julgamento por nossa causa. Então, não seria um ato de misericórdia conceder uma morte definitiva aos impenitentes? Uma vez mais, a Bíblia declara que o salário do pecado é a *morte*, e não o tormento eterno consciente.

Ideias equivocadas sobre a suposta imortalidade da alma

O problema dos teólogos que defendem o tormento eterno, ainda que movidos pelo desejo sincero de preservar a santidade e a justiça de Deus, reside em um equívoco sobre a natureza humana: a crença de que fomos criados com almas imortais. Uma vez que se pressupõe a imortalidade da alma, torna-se necessário admitir o tormento eterno para aqueles que não se arrependem. Contudo, as Escrituras ensinam algo muito diferente.

Paulo declara abertamente que Deus é “o único que possui imortalidade” (1 Timóteo 6:16, ARA). A imortalidade não é um atributo natural do ser humano, mas algo exclusivo de Deus. A promessa feita aos fiéis é que serão revestidos da imortalidade na ressurreição (1 Coríntios 15:53). Ninguém se reveste daquilo que já está usando.

A vida eterna é sempre descrita como um *dom*. Jesus disse que todo aquele que nEle crê não pereceria, mas teria a vida eterna (João 3:16). A palavra *perecer* denota aniquilação ou destruição completa, e não a continuidade da existência em outra forma. Pois se os ímpios vivem para sempre, ainda que em sofrimento,

o próprio conceito de perecimento perde sentido.

Nesse ponto, a observação desse evangelista está em estreita concordância com as Escrituras. Ele observou que, quando a imortalidade é apenas presumida em vez de ser demonstrada pela Bíblia, as conclusões sobre o inferno passam a ser estruturadas pela filosofia e não pelo ensinamento bíblico. Esse tema é analisado detalhadamente por outro teólogo citado no vídeo, Edward Fudge, o qual argumentou em seu livro *The Fire That Consumes* (O fogo consumidor, em tradução livre) que a imortalidade é uma dádiva condicional recebida por meio de Cristo, e que as Escrituras não apoiam a ideia de uma existência eterna para os ímpios.

Umacríticadecunhoemocionalrecorrente sustenta que a imortalidade condicional abrandando o conceito de inferno, sugerindo que os ímpios não seriam devidamente responsabilizados. Transmitir o verdadeiro ensinamento da Bíblia não constitui um abrandamento de sua mensagem! E, conforme o que ela ensina, os pecadores obstinados não estão isentos de sua responsabilidade perante Deus. A perda permanente da vida, que significa o extermínio absoluto do ser e de todas as suas possibilidades futuras, não é um ato de complacência. Essa é a forma mais extrema de juízo descrita nas Escrituras. Nada poderia ser mais definitivo!

Conforme sustenta Joseph Dear, pesquisador do site *RethinkingHell.com*, a aniquilação implica uma perda de magnitude incomensurável, ou seja, a perda definitiva da vida eterna. Essa punição não é branda, mas *uma condenação plena e absoluta*.

Na verdade, a possibilidade da perda definitiva da vida acentua a urgência do arrependimento. A questão não é sobre o nível de conforto ou a condição do indivíduo, mas sobre a sua própria existência, ou seja, a vida que é concedida unicamente por intermédio de Jesus Cristo.

As Escrituras também afirmam que há diferentes graus de punição. Jesus disse que “haverá menos rigor” para alguns do que para outros no dia do juízo (Mateus 11:22; comparar Lucas 12:47-48). A imortalidade condicional comporta plenamente um julgamento proporcional antes de uma destruição definitiva.

Algo que poucos entendem nessa discussão é que esse período de juízo final abrange muito mais do que uma sentença imediata. O desejo de Deus é que todos tenham a oportunidade de alcançar a redenção e a salvação (2 Pedro 3:9; 1 Timóteo 2:4). Contudo, nem todos tiveram essa oportunidade nesta vida. O que acontecerá com essas pessoas?

Tradição, sinceridade e a necessidade de reexame

Muitos cristãos sinceros aceitam pressupostos interpretativos sobre o inferno e a vida pós-morte sem perceberem que esses conceitos não são bíblicos. E não há aqui qualquer intenção de atribuir má-fé a ninguém. Ao longo da história da Igreja, pessoas sinceras sustentaram diferentes pontos de vista enquanto buscavam honrar as Escrituras. A questão não é se a tradição é

A Bíblia não ensina a doutrina do tormento consciente e eterno, mas aponta para uma destruição definitiva e irreversível.

desprovida de valor, mas se ela deve ser sempre reexaminada à luz das Escrituras. Os bereanos foram elogiados por examinarem nas Escrituras cada ensinamento recebido (Atos 17:11).

Este artigo não nega o juízo de fogo como punição definitiva nem minimiza a gravidade do pecado aos olhos de Deus. Ele não está promovendo a salvação universal, nem um juízo temporário, nem segundas oportunidades ou qualquer coisa que extrapole o ensinamento bíblico. Tampouco minimiza as advertências de Jesus ou relativiza a justiça de Deus. A afirmação é que a Bíblia não ensina a doutrina do tormento eterno consciente, mas descreve

uma destruição definitiva e irreversível num “lago de fogo”, identificado como “segunda morte” (Apocalipse 2:11; 20:6, 14; 21:8)—um destino do qual os salvos estão livres.

Alguns argumentam que a recusa da doutrina do tormento eterno consciente é motivada pelo desejo de suavizar o ensinamento bíblico, em vez de segui-lo fielmente. Certamente, há quem busque apenas um alívio psicológico, algo muito evidente entre os proponentes da salvação universal. Contudo, a Bíblia não ensina o tormento eterno consciente como muitos supõem e também não respalda a ideia de que a alma seja imortal. Ademais, é perfeitamente apropriado questionar nosso desconforto diante de uma doutrina quando o critério é sua conformidade com a totalidade da revelação bíblica e com os atributos divinos nela apresentada.

Aprender o que a Bíblia realmente ensina é fundamental. Na verdade, esse tema vai muito além do que entendem os cristãos tradicionais e a maior parte dos defensores da imortalidade condicional, visto que as Escrituras revelam muito mais sobre o período do juízo final. Esse é um assunto abrangente, e convidamos nossos leitores a pedirem nosso guia de estudo bíblico grátis “*O Céu e o Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?*”. Ele analisa os principais argumentos usados na defesa dessa visão tradicional e amplia a compreensão do que a Bíblia revela acerca da vida após a morte.

Então é importante reafirmar que a Bíblia não ensina que as pessoas queimarão em um inferno de fogo eterno. Os ímpios serão consumidos pelo fogo. Contudo, esse não é um destino a se desejar, pois significa uma perda de dimensão infinita. Em vez disso, aceite o dom que Deus está oferecendo: “a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor”. BN

APROFUNDANDO O TEMA



A ideia de que as pessoas queimarão em agonia para sempre é um mito que não veio da Bíblia. Para compreender melhor o que as Escrituras realmente ensinam sobre esse tema tão distorcido, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico grátis “*O Céu e o Inferno: O que Realmente Ensina a Bíblia?*”.

P: A passagem de 1 Coríntios 11:26 ensina que podemos participar do pão e do vinho da comunhão quantas vezes quisermos?

R: Embora muitos pensem assim, não é isso que esse texto afirma. Em 1 Coríntios 11, Paulo se refere a uma cerimônia específica instituída por Jesus “na noite em que foi traído” (versículo 23).

Os relatos dos evangelhos deixam claro que se tratava da Páscoa (Lucas 22:8, 11, 15)—ocasião em que Jesus atribuiu novo significado a essa cerimônia, definindo que o ato de participar do pão e do vinho simbolizaria a aceitação de Sua morte sacrificial. Em 1 Coríntios 10:16-17, Paulo descreve a celebração conjunta da igreja em torno desses símbolos como a “comunhão” ou participação no corpo e no sangue de Cristo em sentido figurado. Mais uma vez, o contexto era a Páscoa. Aliás, Paulo já havia afirmado isso em 1 Coríntios 5:7, dizendo que “Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós”.

A Páscoa era uma cerimônia *anual*, celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês do calendário hebraico (Levítico 23:5). Desde a juventude, Jesus celebrava a Páscoa com Sua família no tempo determinado a cada ano (Lucas 2:41). E Ele manteve essa observância anual com Seus discípulos, até a última celebração, na noite em que foi traído, antes de ser morto. Após a morte e a ressurreição de Cristo, a Igreja primitiva deu continuidade à celebração das festas anuais descritas em Levítico 23. Por exemplo, Lucas registra que os seguidores de Jesus se reuniram para celebrar a Festa de Pentecostes (Atos 2:1).

A Páscoa continuou sendo celebrada, mas agora como um memorial da morte de Cristo, nosso verdadeiro Cordeiro pascal. Até mesmo na sociedade secular, é comum que datas memoriais sejam observadas anualmente. Além disso, a Páscoa já era uma cerimônia anual fixa, celebrada na data determinada pelo calendário hebraico.

Não há evidência de que os cristãos possam fixar livremente uma data diferente da ordenada na Bíblia para participar do pão e do vinho, que representam o sacrifício de Cristo— a celebração da Páscoa se inicia ao anoitecer do décimo quarto dia do primeiro mês do calendário hebraico.

A expressão “todas as vezes”, empregada por Paulo nessa passagem, não significa *sempre que você decidir por conta própria*, como muitos imaginam. Ele apenas quis dizer *sempre que ou cada vez* que os seguidores de Cristo *participassem* do pão e do vinho na celebração da Páscoa, que ocorria uma vez por ano, na noite em que Ele foi traído. A Bíblia Viva traduz essa expressão assim: “*cada vez que vocês comerem esse pão e beberem esse cálice*” (grifo nosso).

A intenção não era incentivar uma “comunhão” diária, semanal ou trimestral, nem mesmo uma celebração anual separada da Páscoa bíblica, como na suposta “Sexta-feira Santa”. O texto trata apenas da observância da Páscoa a cada ano.

P: A expressão “partindo o pão em casa”, mencionado em Atos 2:46, indica uma cerimônia de comunhão diária?

R: Não. Essa passagem significa apenas que os cristãos tomavam refeições juntos nas casas uns dos outros. Até hoje, a expressão “partir o pão” significa apenas tomar uma refeição.

O pão costuma ser sinônimo de alimento nas Escrituras porque sempre foi a principal fonte de sustento e um componente básico de todas as refeições ao longo da história. Em relação ao pão, o costume até pouco tempo atrás era parti-lo em pedaços menores para que todos comessem dele. Vemos isso na Bíblia, em passagens como Lucas 9:16-17, quando Jesus alimentou cinco mil pessoas partindo os pães em pedaços—e ainda sobraram “doze cestos de pedaços”.

Além disso, as refeições judaicas na época de Cristo começavam habitualmente com uma bênção sobre o pão, seguida pelo ato de parti-lo para distribuição. Conforme declarado no comentário *Barnes’ Notes on the New Testament* (Notas de Barnes sobre o Novo Testamento) acerca do “partir do pão” em Atos 2:42 e 2:46: “Na verdade, a interpretação implícita parece ser que isso se referia à participação em suas refeições diárias. O ato de partir o pão era geralmente realizado pelo mestre da casa ou chefe da família logo após a bênção” (nota sobre Atos 2:42).

Leia também Atos 27:33-38, que mostra Paulo dando graças e partindo o pão em uma refeição comum, compartilhada inclusive por pessoas que não eram cristãs.

Em Atos 2:46, o significado também se refere a uma refeição comum. O texto completo mostra que os discípulos frequentavam o templo diariamente e depois retornavam às suas casas para comerem juntos. A Bíblia na *Versão Fácil de Ler* parafraseia assim: “Eles se reuniam no templo todos os dias, e comiam juntos de casa em casa, repartindo a comida com alegria e com sinceridade no coração”.

Assim como em todas as refeições judaicas, a ceia da Páscoa também incluía a bênção e o partimento do pão, especificamente pão asmo, requerido como componente essencial dessa cerimônia. Durante a ceia de Páscoa que precedeu Sua morte, Jesus adotou o costume de abençoar e partir o pão para estabelecer uma nova forma cristã de celebrar a Páscoa. Nessa cerimônia, observada anualmente na mesma data, o partimento do pão asmo simboliza o corpo imaculado de Cristo sendo partido como um aspecto fundamental de Seu sacrifício pelos nossos pecados.

Contudo, a expressão “partir o pão” continuava a ser uma maneira comum de se referir ao ato de comer uma refeição, conforme demonstrado em Atos 2:46. Curiosamente, nossas palavras modernas “companhia” e “companheiro” derivam do francês antigo *compaignon*, que significa “aquele que parte o pão com outro”, originado do termo em latim *companio*, unindo *cum* (junto) e *panis* (pão), ou seja, alguém com quem você compartilha o pão ou as refeições.

“Eu Sei Que O Meu Redentor Vive”

Muito mais do que um simples refrão musical, essas palavras do oratório O Messias de Handel proclamam o cuidado fiel de Deus e o resgate oferecido por Seu Filho, ajudando-nos a enfrentar o sofrimento e a morte com confiança e esperança no futuro prometido.

por Robin Webber

Há uma história de que, enquanto o célebre regente Reichel conduzia um ensaio do inspirador oratório *O Messias* de Handel, uma soprano cantou o famoso refrão “Eu sei que o Meu Redentor vive” com absoluta precisão técnica. Todos aguardavam um elogio, mas o maestro fez sinal pedindo silêncio, aproximou-se e perguntou-lhe com ar pesaroso: “Minha filha, você realmente crê que o seu Redentor vive?”. Constrangida, ela respondeu: “Sim, eu creio”. “Então cante!”, exclamou ele. “Mas cante de forma que eu sinta que você já vivenciou a alegria e o poder disso”. Ela cantou novamente, mas desta vez com uma intensidade tamanha que evidenciava sua crença no Cristo vivo. A plateia chorou, e o maestro, com lágrimas nos olhos, afirmou: “Agora sei que você crê, porque desta vez você me fez sentir isso!”.

Como discípulos de Jesus Cristo, que lições desse relato podemos aplicar à nossa vida ao aceitarmos o chamado de seguir a Jesus? (Marcos 8:34) Será que também nos mostramos reticentes e tímidos, como essa cantora lírica, quanto à nossa fé pessoal em Jesus e em Sua ressurreição? Estamos cientes de que o mundo é um palco onde pisamos a cada amanhecer, enquanto a vida nos confronta com o inesperado e coloca à prova a autenticidade da nossa fé?

Além do mero conhecimento sobre Cristo

Será que compreendemos que o verdadeiro discipulado não se resume a dominar um vocabulário religioso, mas em elevar e firmar nosso coração Naquele que viveu, morreu, ressuscitou, ascendeu ao céu e está eternamente exaltado à direita de nosso Pai

celestial? Além de saber *sobre* Cristo, precisamos *conhecê-Lo de verdade* e buscar o crescimento nEle.

E isso não é apenas uma questão de discernimento intelectual. Trata-se de lançar raízes espirituais profundas, que nos sustentam não apenas hoje, mas *por toda a eternidade*, pela graça de Deus. Isso implica aceitar plenamente nossa finitude e a verdade de que “aos homens está ordenado morrerem uma vez” (Hebreus 9:27), compreendendo que a morte é apenas o prelúdio do destino eterno que Deus nos reservou.

Observe como Jesus eleva o nosso nível de consciência por meio do que disse aos primeiros discípulos na última noite de Sua vida humana: “Não deixem que seu coração fique aflito. Creiam em Deus; creiam também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, Eu lhes teria dito. Vou preparar lugar para vocês e, quando tudo estiver pronto, virei buscá-los, para que estejam sempre Comigo, onde Eu estiver” (João 14:1-4, Nova Versão Transformadora).

O discípulo Tomé foi franco ao dizer: “Senhor, *nós não sabemos* para onde vais e como podemos saber o caminho?”. Então, Jesus lhe respondeu: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por Mim” (versículos 5-6). Ele disse ainda que conhecê-Lo de verdade era o mesmo que conhecer o Pai (versículo 7).

O exemplo de Tomé, que estava no palco principal dos eventos daquela noite de Páscoa com Jesus, revela que nem mesmo a proximidade é suficiente. Isso exige algo mais profundo! Jesus seria gentilmente direto com Tomé, tanto naquele momento

quanto depois (João 20:24-29), assim como Ele é conosco hoje—encorajando-nos a permitir que o Redentor vivo intensifique Sua presença em nós.

O eco atemporal que ressoa até nós

Mas qual é a origem dessa famosa frase, “Eu sei que o meu Redentor vive”? Ela viria dos evangelhos ou talvez das cartas de Paulo? Não, ela vem do Antigo Testamento, mais precisamente do livro de Jó. Satanás estava provando severamente esse seguidor do único Deus verdadeiro antes mesmo de Israel se tornar uma nação. Ele enfrentou a perda de praticamente tudo, inclusive sua família, suas posses e sua própria saúde. Deus permitiu isso com

intervinha para resgatar e assegurar os interesses da família em meio a dificuldades. Assim ocorreu no livro de Rute quando Boaz resgatou as terras da viúva Noemi e casou-se com sua nora, assegurando a continuidade da descendência do marido falecido de Noemi e de seu filho morto (em consonância com os preceitos de Deuteronômio 25:5-10). O redentor representava a esperança para quem estava desalentado diante da impossibilidade de construir um futuro por conta própria. Em Gênesis 48:16, o patriarca Jacó faz referência à redenção que recebeu de Deus.

Esse aspecto da obra de Deus foi detalhado mais tarde pelo apóstolo Paulo ao descrever o Redentor em Tito 2:13-14: “Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da

Além de conhecer a história de Cristo, precisamos conhecê-Lo em profundidade e permitir que Sua natureza se desenvolva em nós. Isso não é apenas uma questão de discernimento intelectual. Trata-se de possuir raízes espirituais profundamente alicerçadas, que nos preparam não apenas para o presente, mas para a eternidade, mediante a graça de Deus.

um propósito que transcendia a mera resistência humana, visto que essa saga se estende por quarenta e dois capítulos.

Desde o começo, quando essa tragédia inimaginável o alcançou, as palavras de Jó revelaram que o que estava guardado em seu coração era maior do que as tempestades da vida: “Então, Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou, e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR. Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma” (Jó 1:20-22).

Conforme a situação se agravava e Jó se via coberto de feridas dolorosas, sua esposa chegou ao limite e o desafiou dizendo: “Você ainda mantém a sua integridade? Amaldiçoe a Deus, e morra!”. Ele respondeu: “Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal? Em tudo isto Jó não pecou com os lábios” (Jó 2:9-10, NVI).

O que sustentou Jó no limite da exaustão humana desde o conhecimento inicial sobre Deus até o amadurecimento ainda mais profundo nEle, quarenta capítulos depois, quando ele declarou: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem”? (Jó 42:5, ARA). O nó que sustentava o laço atado e conservava sobre ele o manto de Deus aparece em Jó 19: “Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! [Ele não fazia ideia!] E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha! Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra” (versículos 23-25). E ele ainda expressou seu profundo anseio de ver a Deus (versículos 26-27), após ter dito antes que sabia que seria ressuscitado após a sua morte (Jó 14:10-15).

Como podemos entender melhor o papel de um redentor? Na antiga Israel, um redentor era alguém que comprava a liberdade de um escravo ou um atencioso parente próximo que

glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo [nosso Irmão mais velho, Hebreus 2:11-12 o qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras”.

O toque do Redentor

Para terminar, vamos olhar para o que disse outro apóstolo. João viveu mais do que todos os seus companheiros, porém sua vida também chegaria ao fim. Contudo, pouco antes disso, Cristo manifestou-se a ele por meio de uma visão que foi registrada para nós: “E eu, quando o vi, caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a Sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o Primeiro e o Último e o que vive; fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém! E tenho as chaves da morte e do inferno [a sepultura]” (Apocalipse 1:17-18).

Nosso Pai Celestial e Cristo sabiam que João precisava ter a certeza de que o seu Redentor estava vivo. Ele precisava sentir a mão do Senhor Ressuscitado sobre si enquanto o impactante desdobramento do plano de Deus para redimir o mundo era revelado a ele.

Talvez tenha sido exatamente para um tempo como este (comparar Ester 4:14) que você está lendo este artigo. Como aquela solista do relato inicial, você pode estar precisando de uma pausa no palco da vida para recobrar as forças e a coragem. Portanto, “Cante!” Viva isso! E sinta o toque do nosso Redentor em seu coração. BN

APROFUNDANDO O TEMA

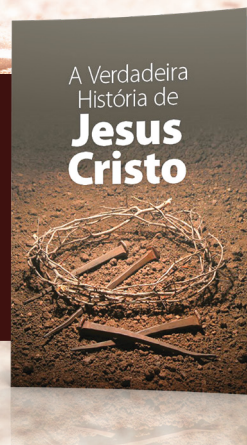


Jesus Cristo veio como nosso Redentor para morrer por nossos pecados. Todavia, Ele permanece vivo para continuar realizando Sua obra redentora em nós. Para saber mais, peça ou baixe nosso guia de estudo bíblico grátis “Jesus Cristo: A Verdadeira História”.

Quem foi Jesus?

Quase ninguém questiona que Jesus tenha vivido há dois mil anos e que tenha sido um grande mestre que marcou o mundo desde então até hoje. Contudo, pouquíssimos compreendem de fato a essência do que Seus ensinamentos significaram naquela época e do que continuam significando para você hoje.

Descubra a verdade revelada na maravilhosa Palavra de Deus. Peça seu exemplar GRÁTIS do guia de estudo bíblico "*Fazendo a Vida Dar Certo*" ou leia-o online em portugues.ucg.org/estudos



FAÇA UMA DOAÇÃO

Esta obra evangelizadora compreende a edição, publicação e distribuição gratuita desta Boa Nova do vindouro Reino de Deus, de vários guias de estudo de ensino bíblico, e da preparação e cuidado dos irmãos, ao redor do mundo.

Esta revista 'A Boa Nova' e guias de estudo Bíblicos aqui mencionados contêm direitos autorais e são publicados pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional.

Sua doação espontânea ou seus dízimos nos ajudarão a ampliar esse esforço. Use a conta ao lado se vive no Brasil, ou a aba de doações do nosso site, ou detalhes de contato na página 2. Muito obrigado pela sua contribuição.

Banco: Caixa Econômica Federal (104)

Agência: 3540

Operação: 003

Conta Corrente: 1877-4

CNPJ/PIX: 19.443.682/0001-35

Beneficiário: Igreja de Deus Unida Brasil

